

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

tomo 49 Número 5 setembro/outubro 2008

Apoio Cultural

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eleto Aço Altona S/A

43 S/A Gráfica e Editora



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU

em Cadernos

t. 49 n. 5 setembro/outubro 2008 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 49	n. 5	p. 1-128	set./out. 2008
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Edson Brunsfield

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Ivo Hadlich

Diretor Administrativo-Financeiro | Iúry Bugmann Ramos

Diretor do Centro de Publicação, Referência em Leitura e Literatura | Rodrigo Rogério Ramos

Diretor de Cultura | Vinícius Nico Wolff

Diretora do Museu de Arte de Blumenau | Reynaldo Wilmar Pfau

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | Órgão de fomento | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli M. V. Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Viegas Fernandes da Costa

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Composição de imagens - acervo José Ferreira da Silva.

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir A. Petry Secretária | Mirela A. Nolasco

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957-
v. : 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimensal, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimensal com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimensal de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry. 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Artigo

Como foi realmente o caso da torre e dos sinos?

Pastor Max-Heinrich Flos

Tradutor Dr. Ivo Von Wangenheim

7

Wie War's nun eigentlich mit turm und glocken?

Max-Heinrich Flos

8

Artigos

Fritz Müller e sua obra na ciência brasileira e mundial

Luiz Roberto Fontes

Stefano Hagen

22

A Pacificação documentada parte III (1918- 1921): a
revolta dos Botocudo no Posto Plate e a promoção
da paz

Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann

51

Correspondências de imigrantes

Correspondências de imigrantes

71

Entrevista

Entrevista Frei Wilson Steiner

Luiz Antonio Soares e Danilo Gomes

91

Autores catarinenses

O "caso" Ernesto Canozzi

Enéas Athanázio

121

Blumenau cad., Blumenau, t. 49, n. 5, p. 1-128, set./out. 2008

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

APRESENTAÇÃO

“Blumenau em Cadernos” reúne, nesta edição, artigos, traduções de correspondências, entrevistas e comentário literário que, além de enriquecerem a história regional e catarinense, envolvem as mais diversas esferas sociais.

Na coluna **Documentos Originais – Artigos**, publica-se mais um texto bilíngüe intitulado “*Como foi realmente o caso da torre e dos sinos?*”, de autoria do Pastor Max- Heinrich Flos, com tradução do Dr. Ivo von Wangenheim. Narra as razões das igrejas evangélicas não poderem construir seus templos sagrados com torres, nem fazer uso de sinos para fazer os seus anúncios simbólicos para comunicar-se com a sua comunidade.

Na seção **Artigos**, o Dr. Luiz Roberto Fontes, entomólogo especializado em cupins, médico ginecologista e legista, juntamente com Dr. Stefano Hagen, médico Veterinário do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/USP, escrevem “*Fritz Müller e sua obra na ciência brasileira e mundial*”. Os autores, ao produzirem o texto, destacam o pioneirismo de Fritz Müller em diversos campos de pesquisa da natureza. Consideram que este pesquisador da natureza talvez seja o que mais desbravou grupos botânicos e de invertebrados com profundidade. Afirmam os médicos que Fritz Müller oportunizou a abertura de “numerosas frentes de pesquisa, que outros puderam depois trilhar com segurança”.

O doutorando e pesquisador do Programa de Pós-Graduação da UFSC, Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann, com o artigo intitulado “*A Pacificação documentada (1918 - 1921): a revolta dos Botocudo no Posto Plate e a promoção da paz*”, publica o terceiro capítulo da pesquisa que deu origem a sua tese de mestrado. Na abordagem deste capítulo o pesquisador revela alguns problemas de ordem administrativa relativos

ao Posto Plate, destacando uma situação de conflito ocorrida quando os indígenas, após terminarem os serviços na roças, informaram ao Eduardo Hoerhann que planejavam uma caçada. “Os guerreiros partiram para o mato e, bem armados, retornaram para o Posto depois de pouco tempo. Sem hesitação, eles cercaram o Posto com um plano de assalto. Hoerhann conta que se não bem os conhecesse, não teria evitado esta tentativa de agressão”.

Em outro momento, em **Cartas de Imigrantes**, publica-se mais uma série de correspondências trocadas entre o ramo da família Gärtner, de Gaspar, com os parentes na Alemanha. Vale aqui registrar que os originais em alemão gótico estão disponíveis aos interessados, e este acesso somente foi possível graças à doação feita pela senhora Elise Stodieck.

Na coluna **Entrevistas**, publica-se a transcrição do depoimento realizado pelos jornalistas e radialistas Luiz Antonio Soares e Danilo Gomes, durante o programa “Censura Livre” com Frei Wilson Steiner. O entrevistado na época, 12 de março de 1982, era Diretor do Colégio Santo Antônio, atual Colégio Santo Antônio Bom Jesus. Em sua fala emite opiniões acerca do sistema educacional do Colégio, de comportamentos e do contexto social econômico e político da época.

A revista encerra com a coluna **Autores Catarinenses**, que traz como título “*O Caso Ernesto Canozzi*”, assassinato descrito por Crispim Mira, cujo comentário literário é feito pelo advogado e escritor Enéas Athanázio.

Conclamamos aos memorialistas, historiadores e pesquisadores a escreverem textos para as colunas: Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli M. V. Petry
Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

O caso da TORRE E DOS SINOS



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

WIE WAR'S NUN EIGENTLICH MIT TURM UND GLOCKEN?

Weithin ist bekannt, dass unsere evangelischen Kirchen in alter Zeit weder Turm noch Glocken haben durften. Die ältere Generation wird aus den Erzählungen der Eltern wissen, wie unsere Kirchen einst schmucklos und kahl, für unser Gefühl halbvollendet im Lande standen und häufig für Scheunen gehalten werden konnten. Der jüngeren Generation aber wird es gut tun, von den Einschränkungen und Belastungen zu hören, unter denen die Grosseltern ihr evangelisches Bekenntnis selbstverständlich hochhielten. Es gehört immerhin froher Mut, besser Freude im Herrn dazu, durch Generationen hindurch in eine Kirche zu gehen, der man die fehlende Gleichberechtigung schon von weitem ansah. Wir wollen hier die historische Frage stellen, wie es zu dieser, uns Heutige so merkwürdig anmutenden Einschränkung kam.

1.

Wir müssen weit ausholen und tief in die Geschichte Brasiliens zurückblicken, hinein in eine Zeit, da von deutscher Einwanderung noch lange keine Rede war. Wir blicken in jene Zeit, da der portugiesische Prinzregent D. João seinen Hof nach Rio de Janeiro verlegte, da die Häfen Brasiliens dem Freien Weltverkehr geöffnet wurden (1808) und der englische Handel nach Brasilien kam. Wer ein wenig Geschichte kennt, weiss, wie zu jener Zeit zwischen Frankreich und England Krieg war, und Napoleon die sogenannte "Kontinentalsperre" einfuhrte, um den englischen Handel zum Erliegen zu bringen. In die Speichern von Liverpool und London häuften sich die Waren, die Exporteure wussten nicht, wohin mit all den Gütern, die in den Häfen zusammengestopft waren. Da, im rechten Augenblick, tat sich eine neue Welt auf, die Häfen Brasiliens wurden geöffnet. Schiff auf Schiff segelte nach Rio de Janeiro, eine Warenflut überschwemmte die brasilianische Hauptstadt. Was nur immer auf der Insel lagerte, wurde hinausgeschickt, auch wenn es sich um wollene Steppdecken und Schlittschuhe

COMO FOI REALMENTE O CASO DA TORRE E DOS SINOS?

Pastor Flos¹
Dr. Ivo Von Wangenheim

É de conhecimento geral que em tempos idos nossas igrejas evangélicas não podiam ter nem torres nem sinos. A geração mais velha deve lembrar-se das histórias de seus pais, como nossas igrejas eram simples e sem adornos, dando a sensação de inacabadas, tanto a ser muitas vezes tomadas por ranchos. A geração mais nova, porém, faz bem em saber das dificuldades e restrições sob as quais os avós mantinham alto o seu conceito de religião evangélica. Era necessário grande coragem e confiança no Senhor para continuar freqüentando uma igreja cuja desigualdade de condições já de longe era visível. Queremos aqui debater a pergunta histórica de como se chegou a esta restrição que hoje se nos aparenta tão estranha.

- INFLUÊNCIA BRITÂNICA

Temos que retroceder bastante e mergulhar profundamente na história do Brasil, numa época em que ainda não se falava em imigração alemã. Época na qual o Príncipe Regente D. João transferiu sua corte para o Rio de Janeiro, uma época na qual os portos do Brasil foram abertos ao livre comércio mundial e na qual os ingleses vieram para o Brasil para negociar. Quem conhece um pouco de história, sabe que naquele tempo havia guerra

1 Texto Bilingüe de autoria do Pastor Max-Heinrich Flos. Tradução do Dr. Ivo von Wangenheim. Extraído da publicação *Unsere Väter - "Nossos Pais"*. Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. 1961. p.200-208.

handelte. Letzterem Artikel freilich standen wir mit Skepsis gegenüber, bis wir bei einem zuverlässigen Zeugen lasen, dass er einst im Innern von Minas eine sauber gearbeitete Türklinke traf, deren Grundbestandteil unverkennbar ein Schlittschuh war; man wusste sich eben zu helfen.

Was hat nun der englische Handel mit unserem Thema zu tun? Die Antwort ist einfach. Wo Grossbritannien seinen Handel, hinbrachte, dorthin brachte es auch seine Kirche. Hier begannen die internationalen Schwierigkeiten. Spanien und Portugal waren alte Inquisitionsländer, und die Feuer- und Schwertmethoden des 16. Jahrhunderts, da Lutheraner und Calvinisten unerbittlich aufgespürt und verurteilt wurden, waren trotz späterer Lockerung unvergessen geblieben. Wie sollte es draussen in der Kolonie Brasilien werden? Musste man ein Aufflackern der mittelalterlichen Methode befürchten?

Es ist Englands Verdienst, hier grundsätzliche Klarheit geschaffen zu haben. Im Rahmen eines Freundschafts- und Bündnisvertrages (1810) lesen wir die Erklärung des portugiesischen Prinzregenten, dass die Inquisition in den südamerikanischen Besitzungen der Krone Portugals niemals eingeführt werden würde (“that the Inquisition shall never hereafter be established in the South American Dominions of the Crown of Portugal”), und in einem gleichzeitigen Handels- und Schiffahrtsvertrag finden wir die praktischen Ausführungsbestimmungen. England erhielt die Zusage der vollen Gewissensfreiheit (“perfect liberty of Conscience”), nicht nur für seine eigenen Untertanen, sondern auch für alle weiteren Ausländer, die einer Kirchengemeinschaft angehörten, die von der in den portugiesischen Besitzungen eingeführten Religion abwich (“any other Foreigners of a different Communion from the Religion established in the Dominions of Portugal”). Zu der gewährten Freiheit gehörte ausdrücklich das Recht, den Gottesdienst zu feiern und ihm ungestört beiwohnen zu können. Bei dieser grundsätzlichen Zusage, die für Engländer, Deutsche, Schweizer, Holländer, Skandinavier und andere von entscheidender Wichtigkeit war, machte Grossbritannien einige Zugeständnisse. Es verzichtete auf Kirchengebäude, die äusserlich als solche zu erkennen waren, es verzichtete auf den Gebrauch von Glocken und

entra a França e a Inglaterra, e Napoleão introduziu o chamado Bloqueio Continental, para estacionar o comércio inglês. Nos armazéns de Liverpool e Londres os produtos se amontoavam e os exportadores não sabiam onde ir com as mercadorias que entupiam os portos. E aí, no momento crucial abriu-se um mundo novo, os portos do Brasil foram franqueados. Navio após navio velejava para o Rio de Janeiro e uma onda de mercadorias afogava a capital brasileira. Tudo o que continham os armazéns ingleses era exportado, mesmo se se tratasse de cobertores de lã e patins para gelo. Esta última afirmação encaramos com ceticismo até que lemos num cientista de renome que ele havia encontrado uma vez no interior de Minas um trinco de porta muito bem feito, cuja peça fundamental era, sem dúvida, um patim; dava-se um jeito em tudo.

Mas o que tem o comércio inglês a ver com o nosso tema? A resposta é simples: onde a Grã-Bretanha levava seu comércio, também levava sua igreja. Aqui começaram as dificuldades internacionais. Espanha e Portugal eram países da inquisição, e os métodos de ferro e fogo do século 16, onde Luteranos e calvinistas eram perseguidos e condenados, ficaram inesquecidos apesar do relaxamento posterior. Como seria lá na colônia Brasil? Seria de se esperar um recrudescimento dos métodos da idade média?

É mérito da Inglaterra ter aqui produzido clareza perfeita. Num tratado de amizade e aliança lemos a declaração do Príncipe regente de Portugal “que a inquisição não será para o futuro estabelecida nos Meridionais Domínios Americanos da Coroa de Portugal” (“that the Inquisition shall never hereafter be established in the South American Dominions oh the Crow of Portugal”), e num tratado de comércio e navegação da mesma época encontramos as indicações práticas. A Inglaterra recebeu a garantia de “perfeita liberdade de Consciência” (“perfect liberty of Conscience”), não só para seus próprios cidadãos, mas

verzichtete auf Missionsarbeit, ja erkannte die Strafe der Landesverweisung für diejenigen an, die Proselyten machten oder Übertritte herbeiführten. Auf diesem Rechtsgrunde bauten die Engländer ihr eigenes Kirchenwesen aus und konnten 1822 in Rio die Anglikanische Kirche einweihen. Dieser Akt muss viel Staub aufgewirbelt haben, denn José Bonifácio unterzeichnete Verfügung, in der zur Verhinderung von Störungen der öffentlichen Ordnung ein besonderes Polizeiaufgebot bestellt wurde, “es sei das erste Mal, dass eine Protestantischen Kirche in dieser Stadt eröffnet wurde”.

Grossbritanniens Rolle als Wegbereiter des Protestantismus in Brasilien ist weithin in Vergessenheit geraten, und auch Freunde der Geschichte in unserem Lager wissen nicht mehr um die Zusammenhänge. Als aber Brasilien 1824 seine erste Verfassung erhielt, gingen als verdienter Lohn für alle Mühen die Zusagen des ehemaligen Prinzregenten und die britischen Zugeständnisse in sie über. Nun hiess es für lange Jahrzehnte in jenem bekannten Artikel 5 des ersten Abschnitts: “Die Römisch katholisch apostolische Religion bleibt weiterhin die Religion des Kaiserreiches”. Aber, fährt der Artikel fort: “Alle anderen Religionen werden erlaubt mit ihrem häuslichen oder privaten Gottesdienst, der in hierzu bestimmten Häusern gehalten wird, die nicht die äussere Form einer Kirche haben dürfen”. So kam es, dass keine evangelische Gemeinde in Brasilien sich in eine Gesandtschafts –oder Botschaftskapelle zurückziehen musste, sondern im Schutze der Brasilianischen Verfassung, unter den bekannten Einschränkungen, sich frei entwickeln durfte. Was uns Heutigen absonderlich erscheint, war zu jener Zeit ein grosser Erfolg.

2.

Wenn die Schwierigkeiten des Anfangs überwunden sind, pflegt gemeinhin das Selbstbewusstsein zu wachsen. Warum sollte es in unseren Gemeinden anders gewesen sein? Und immer wieder kreiste das Denken um die “halbfertigen” Kirchen. So mancher Gemeindevorsteher stand vor seiner Kapelle und sah im Geiste begehrlieh den Turm emporwachsen. Im Geiste nur? Wir wollen

também para “outros quaisquer estrangeiros de comunhão diferente da religião dominante nos domínios de Portugal” (“any other Foreigners of a different Communion from the Religion established in the Dominions of Portugal”). A liberdade concedida estendia-se ao direito de cultos religiosos e de sua freqüência. Nesta permissão básica que foi de importância decisiva para ingleses, alemães, suíços, holandeses, escandinavos e outros, a Grã-Bretanha fazia algumas concessões. Desistia de construções religiosas, especificamente reconhecíveis como tais, desistia do uso de sinos e do trabalho dos missionários, reconhecendo o direito à pena de extradição para todo aquele que fazia prosélitos ou trespassava as regras estabelecidas. Neste direito os ingleses basearam sua comunidade e puderam inaugurar em 1822, no Rio de Janeiro, a igreja anglicana. Este ato deve ter levantado muito pó, pois José Bonifácio assinara uma ordem determinando uma força policial especial para evitar distúrbios públicos, “sendo a primeira vez que se abria uma igreja protestante nesta cidade”.

O papel da Grã-Bretanha como niveladora do caminho do protestantismo no Brasil está muito esquecido, e nem mesmo amigos da história em nosso campo sabem como foi esta. Quando, porém, o Brasil recebeu a primeira Constituição em 1824, esta levou, como merecido prêmio à insistência britânica, as declarações do então Príncipe Regente e as concessões do Reino Unido. Durante muitos decênios soava assim o conhecido artigo 5 da primeira parte: “A religião Catholica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império”. Porém o artigo continua: “Todas as outras religiões serão permitidas com o seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo”. Assim foi que o culto evangélico nunca teve que ser realizado em alguma igreja de legação ou embaixada, mas sob a proteção da Constituição Brasileira pôde desenvolver-se livremente, com as mencionadas restrições. O que achamos estranho hoje, foi naquela época uma grande vitória.

hier eine fröhliche Episode erzählen, von der wir einmal lasen. Die Quelle können wir nicht angeben; war es in einem Buche, war es in einer Zeitschrift, war es in deutsch, war es in portugiesisch? Wir wissen es nicht mehr und berichten aus der Erinnerung.

Es muss in den achtziger Jahren des vergangenen Jahrhunderts gewesen sein. Da war einmal eine Gemeinde im Süden des Landes, sei es in Santa Catarina, sei es in Rio Grande do Sul. Auch sie besass aus alten Tagen eine turmlose Kirche und fand, dass es langsam an der Zeit sei, diesen Zustand zu ändern. Besonders tatendurstige Gemeindeglieder kamen zusammen und gingen ans Werk. Aber heimlich, nur heimlich. In einer grossen Scheune bei geschlossenen Türen schnitten sie Bauholz zurecht und werkten einen regelrechten Kirchturm zusammen, den man nachher nur aufzustellen brauchte. Wir sind ziemlich sicher, dass diese braven Männer nicht im geringsten ahnten, dass sie eine böse verfassungswidrige Tat vorhatten, sondern in dem Turmverbot nur die Missgunst irgendeiner nicht wohlwollenden Behörde vermuteten. Und dann, in einer dunklen Nacht, geschah es. Wer Hände hatte zum Helfen, der kam herbei. Die schweren Bohlen und Balken wurden aus der Scheune geschleppt und aufgestellt. Ein Stück fügte sich an das andere. Der Bau wuchs empor, und als die Morgendämmerung kam, war das Werk getan. Da stand die Kirche im Schmuck ihres Turmes. Die Unbeteiligten rieben sich verdutzt die Augen und trauten ihnen nicht. Gestern noch "Scheune" und heute ein ausgewachsener Kirchturm. Natürlich kam es zu Protest und Krach. Doch was war zu tun? Was einmal gebaut war, durfte ohne Richterspruch nicht entfernt werden. Die Geschichte ist aber nicht zu Ende, sondern bekam durch den Schnitzer einer Amtsstelle erst den richtigen Höhepunkt. Diese Behörde kannte ebensowenig wie die Bauherren ihre Verfassung und verfügte, dass "Türme das Wahrzeichen katholischer Kirchen seien". Hiervon hörte ein Mann der Presse, Carl von Koseritz, der sonst weder der evangelischen noch der katholischen Kirche gewogen war. Nun jauchzte er förmlich, zog zu Felde und tröstete zunächst den Ortsgeistlichen: "Nur durchhalten, Herr Pastor, jetzt haben wir gewonnen! Warum? Türme das Wahrzeichen katholischer Kirchen? Auch das

– INTERMEZZO ALEGRE

Quando as primeiras dificuldades estão vencidas, em geral aumenta a confiança em si mesmo. Porque deveria ser diferente nas nossas Comunidades? Sempre de novo o pensamento girava em torno das igrejas “incompletas”. Muitos pastores ficavam diante da capela e olhando para cima, viam em pensamentos o nascimento de uma torre. Apenas em pensamento? Contaremos aqui um episódio divertido que lemos há tempo. A sua fonte não podemos dar; talvez foi num livro, talvez num jornal, talvez em alemão, talvez em português. Não sabemos mais e relatamos apenas de memória.

Deve ter acontecido lá por 1880 numa das comunidades no sul do país, talvez em Santa Catarina, talvez Rio Grande do Sul. Também ali havia uma igreja sem torre. Muitos membros da comunidade, que se distinguiam pela sua energia, achavam que já era tempo de colocar um campanário nesta igreja e puseram mãos à obra. Mas apenas secretamente. Num galpão fechado cortaram a madeira, prepararam-na e fizeram toda a estrutura do campanário, sendo apenas necessário montá-lo depois. Temos certeza que estes homens não tinham a mínima ciência de estar procedendo anticonstitucionalmente, mas pensando apenas que a proibição se devia a algum funcionário antipatizante da religião. E numa escura noite começou a aventura. Quem tinha mãos, ajudava. As traves pesadas e barrotes foram transportados do galpão e montados peça por peça. Um encaixava no outro, e quando a manhã rompeu, o trabalho estava pronto. A igreja lá estava, decorada por uma torre! Todos que passavam, sacudiam a cabeça espantados e não acreditavam nos olhos. Ontem ainda havia sido um galpão e hoje uma igreja, com torre e tudo. Naturalmente este ato suscitou protestos e debates. Mas, o que se podia fazer? O que estava construído

Irrenhaus in Rio hat einen Turm!”

Wir erinnern uns nicht mehr an den Ausgang dieser schönen Geschichte, vermuten aber, dass sie sich bis in die Tage der Republik hinzog und damit hinfällig wurde. Denn in ersten republikanischen Verfassung (1891) hiess es im Artikel 72 § 3: “Alle Einzelpersonen und religiösen Bekenntnisse können ihren Gottesdienst öffentlich und frei ausüben”. Alte Schranken waren gefallen, von den Türmen evangelischer Kirchen klangen fortan die Glocken.

3.

So manche Gemeinde ging mit Eifer an die Arbeit, um die Vorteile der neuen Lage auszunützen. In Santa Catarina machte unseres Wissens Joinville den Anfang. Dort gab es ein schlichtes, 1864 gebautes Bethaus. Begeistert wurde geworben: “Die Republik hat uns die Glaubensfreiheit gegeben! Zeigen wir uns der Freiheit würdig! Verschönern wir unser Bethaus durch einen Turm, versehen wir diesen Turm mit Glocken! Auf zur Tat! Mit Gott und mit vereinten Kräften!” In der Festschrift von Pastor Fr. Wüstner “Kirchengemeinde Joinville 1851-1951, Evangelisches Bekennen in Schwachheit und Kraft” ist die Turmweihe-Ansprache (1892) des damaligen Vorsitzenden C. J. Parucker überliefert. Wir geben diese Rede hier wieder, die uns bestens zeigt, wie jene Glaubensbrüder fühlten und dachten.

“Der Kirchenvorstand als Vertreter der evangelischen Gemeinde von Joinville nimmt hiermit das der Gemeinde gemachte Geschenk eines Kirchturms mit Glocken entgegen, und tief bewegt von der allgemein betätigten Opferfreudigkeit drückt er allen denen, welche durch ihre Beiträge, durch Rat und Tat den Bau ermöglicht und zur Vollendung gebracht haben, seine vollste Anerkennung und seinen tiefgefühlten Dank aus.

Er tut dies mit umso freudigerem Herzen, als mit diesem Werk ein religiöser Gedanke verknüpft ist, als in diesem Werke für alle Zeiten ein geistiger Inhalt und ein ernste Aufforderung gegeben ist.

Der Turm ist nicht bloss ein Werk von Stein und Holz, zur Zierde unseres Gotteshauses errichtet; wie er nach oben strebt und zum Himmel weist,

não podia ser derrubado por ordem jurídica. A história não terminou aí, porém adquiriu devido a um erro de repartição, o seu clímax. Esta repartição conhecia tampouco a constituição como os seus construtores, e decidiu que “torres eram o sinal de Igrejas católicas”. Isso chegou aos ouvidos de um Jornalista, Carl Von Koseritz, que não pertencia nem a uma nem a outra igreja. Mas entrou alegremente em campo e acalmou o pastor dizendo: “Torres são distintivos de igrejas católicas? Também o hospício no Rio possui uma torre!”

Não lembramos mais de como terminou esta interessante história. Supomos, porém, que ela se estendeu até os dias da república onde caiu por si. Pois na primeira constituição republicana (1891) dizia o artigo 72 § 3: “Todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer pública e livremente o seu culto”. Antigas restrições eram eliminadas, e campanários evangélicos agora soavam alegremente.

– INAUGURAÇÃO DA TORRE

Muitas comunidades apressavam-se a aproveitar as vantagens do novo estado de coisas, trabalhando com afinco. Em Santa Catarina, ao que sabemos, foi Joinville que começou. Havia lá uma simples capela, construída em 1864. Com entusiasmo fazia-se campanha: “A República nos deu liberdade de culto! Mostremo-nos dignos dela! Embelezemos nossa igreja com um campanário com sinos! Avante ao trabalho! Com Deus e unidos no trabalho!” Da escrita festiva do Pastor Wuestner “Kirchengemeinde Joinville 1851 – 1951, Evangeliches Bekennen in Schwachheit und Kraft” nos chegou o discurso inaugural da torre (1892) do presidente C. J. Parucker. Reproduzimos aqui este discurso que nos dá uma clara idéia de como aqueles irmãos pensavam e sentiam:

soll er uns mahnen, unseren Blick nach oben zu richten, unsere Gedanken aus dem vergänglichen Irdischen dem ewigen Unvergänglichen zuzuwenden, in allen Lagen des Lebens auf Gott zu vertrauen und echter Religiosität, wahren Glauben eine Stätte in unseren Herzen zu bereiten.

Die Glocken sind nicht bloss ein tönendes Erz, welches bestimmt ist, die Stunde anzuzeigen, in welcher der sonntägliche Gottesdienst beginnt, oder mit ihren Klängen ernste und freudige Ereignisse des Menschenlebens zu verherrlichen; sie sollen uns mahnen, wenn sie ihren Ruf zur Gottesverehrung erschallen lassen, diesem Ruf auch Folge zu leisten und nicht aus Bequemlichkeit oder Gleichgültigkeit zu Hause zu bleiben. Ihre Stimme soll uns aus unserer Gleichgültigkeit aufrütteln, unser evangelisches Gewissen schärfen, unser evangelisches Bewusstsein erwecken und kräftigen. Ihre Stimme soll uns immer wieder an das teure Vermächtnis erinnern, welches wir durch die Reformation von unseren Voreltern empfangen haben, wofür dieselben geblutet haben und gestorben sind.

Sollen wir vergessen, wie unsere Vorfahren für den reinen Glauben, für das Evangelium gekämpft und gelitten haben? Nein, nimmermehr!

Wir sind in diesem Lande nur ein schwaches Häuflein evangelischer Christen. Wir sind wie eine kleine Insel im weiten Ozean. Die Wasser würden über uns hinwegrauschen, die Fluten würden uns wegschwemmen, wenn wir nicht feste Dämme gegen den Anprall errichteten, und diese Dämme sind ein inniger Glaube, und vor allem das evangelische Bewusstsein, das uns befähigt, nicht bloss schlaun Verführungen zum Abfall, sondern auch der Unduldsamkeit und etwaigen religiösen Verfolgungen mit Kraft und Festigkeit zu widerstehen.

Ein feste Burg ist unser Gott,
ein gute Wehr und Waffen!

Dieser Turm mit seinen Glocken ist aber nicht bloss für uns, die jetzt Lebenden errichtet, er ist auch für unsere Kinder und Nachkommen. An uns ist es, den religiösen Gedanken, welchen Turm und Glocken in uns anregen, auf unsere Kinder zu übertragen, und in ihren Herzen wahre Frömmigkeit, echten

“A Diretoria, como representante da Comunidade Evangélica de Joinville, aceita pelo presente a dádiva feita à Comunidade da torre com sinos, e, profundamente sensibilizada pelo sacrifício de todos que com seu auxílio material e manual permitiram iniciar e terminar a construção, agradece com profunda gratidão.

Faz isso com o coração exultante, pois se liga a esta obra e é dado um conteúdo espiritual para todos os tempos.

A torre não é apenas obra de terra e madeira, construída para enfeite de nossa casa de Deus; como ela se levanta e aponta para cima, deve servir-nos de aviso e dirigir nossos pensamentos das coisas passageiras terrenas para o eterno, confiar em Deus em todas as ocasiões da vida e criar um lugar de sincera religiosidade e fé em nosso coração.

Os sinos não são apenas bronze ressoante, que servem para indicar as horas nas quais começa o culto dominical, ou transmitir com seus sons alegres ou tristes acontecimentos da vida humana. Devem lembrarnos de seguir este chamado para adoração de Deus, e não ficar em casa por indiferença ou comodidade. Sua voz deve acordar-nos da morosidade, afiar nossa consciência evangélica e fortificá-la. Sua voz deve sempre lembrarnos da preciosa herança que recebemos de nossos antepassados por meio da Reforma pela qual eles sangraram e sofreram.

Podemos esquecer como nossos antepassados sofreram e morreram pela fé e pelo evangelho? Não, nunca!

Nós somos nesta terra apenas um fraco grupinho de cristãos evangélicos. Somos uma pequena ilha na imensidade do oceano. As águas nos levariam, ondas nos cobririam, se não construíssemos fortes diques, e estes diques são a profunda fé e, principalmente, o sentimento evangélico que nos possibilitam, não só resistir às tentações de outrem mas, com força e firmeza, à perseguição possível e à intolerância religiosa.

Castelo forte é nosso Deus,

Glauben und den festen protestantischen Geist zu pflanzen und aufzuziehen. Unsere Kinder werden dies dann auch ihren Kindern tun und so fort bis in die spätesten Geschlechter. Erfüllen wir darum diese ernste Pflicht treu und gewissenhaft an unseren Kindern, und der reichste Segen wird nicht ausbleiben.

Wenn wir dann den letzten Gang gehen, wenn die Tränen der Hinterbliebenen unser Grab betauen, wenn die Glocken uns ihren wehmütigen Abschiedsgruss nachsenden, dann werden unsere Seelen beglückt auf diese Stätte zurückschauen, dann wissen wir, dass hier ein Same gesät wird, der nicht unter die Dornen fällt und daselbst zertreten oder von den Vögeln unter dem Himmel, den bösen Lüsten und Leidenschaften dieser Welt, vertilgt werden wird, sondern der auf gutes Land gesät, noch in unseren spätesten Nachkommen hundertfältige Frucht bringen wird.

Das walte Gott!

Und so mögen denn die Glocken zum ersten Mal ihre Klänge für die versammelte Gemeinde erschallen lassen!”

Das Geläute setzte ein. Der Eindruck war ergreifend. Vielen standen Tränen der Freude in den Augen.

fl.

Escudo e espada boa!

Esta torre com os seus sinos, não é só para nós; foi erigida também para nossos filhos e descendentes. Depende de nós transmitir aos nossos filhos o pensamento religioso, estimulado em nós pela torre e pelos sinos, e criar nos seus corações uma devoção cristã e fé real no pensamento evangélico. Nossos filhos farão isto também nos seus filhos, e assim até as mais longínquas gerações. Se preenchermos o nosso dever com fé e consciência, não faltará a bênção mais rica.

Quando andarmos nosso último caminho, quando as lágrimas dos que ficam se misturarem à terra de nossa sepultura, quando os sinos nos enviarem seu melancólico Adeus, então nossas almas olharão felizes a este lugar, então saberemos que aqui foi lançada uma semente que não caiu entre espinhos onde foi sufocada ou comida pelas aves, que não foi extinta pelas paixões e adversidades deste mundo, que porém caiu em boa terra, dando frutos a cem por um, ainda aos nossos descendentes.

Assim o queira Deus!

E que os sinos dobrem pela primeira vez, para a Comunidade reunida!"

Os sinos dobraram. A impressão foi profunda. Muitos estavam com lágrimas de alegria nos olhos.

FRITZ MÜLLER
e sua obra na ciência
brasileira e mundial



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FRITZ MÜLLER E SUA OBRA NA CIÊNCIA BRASILEIRA E MUNDIAL

Luiz Roberto Fontes¹
Stefano Hagen²

Fritz Müller é o único cientista que, no Brasil, tem estátua em praça pública, na cidade de Blumenau. Ainda que lá seja venerado, e por extensão no estado de Santa Catarina, é imenso o abismo do atual desconhecimento no país, tanto no meio acadêmico como pela população leiga, sobre quem foi o cientista Fritz Müller e qual é a sua importância na ciência brasileira e mundial.

Fritz Müller foi um naturalista, no sentido amplo da palavra, tendo se dedicado a inúmeros temas nos campos da zoologia e da botânica, principalmente sob aspectos biológicos, ecológicos, anatômicos e evolutivos. Viveu no Brasil a fase mais produtiva de sua longa vida dedicada à ciência, aqui produzindo nada menos do que 237 publicações sobre a fauna e a flora do leste catarinense, do total de seus 248 estudos científicos. Seu legado à ciência não se resume, entretanto, ao numeroso rol de suas publicações em zoologia e botânica. Fritz Müller foi um desses sábios que deixou rastro profundo na ciência, porém, é ainda quase um desconhecido em nosso país. Mesmo sua imensa obra escrita, publicada em revistas do século XIX e disponíveis em poucas bibliotecas, raramente é citada e, a

* Foto da abertura: Busto de Fritz Müller em resina e durepox; altura 20,5 cm. Artista plástico Segirson de Freitas, Piracicaba-SP e Itu-SP. Acervo de L. R. Fontes.

1 Entomólogo especializado em cupins. Médico ginecologista e legista. Rua Loefgren, 1543, apto. 104, 04040-032 São Paulo, SP – BRASIL – e-mail: lrfontes@uol.com.br

2 Médico Veterinário. Departamento de Cirurgia, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia/USP, Av. Prof. Orlando Marques de Paiva, 87, 05508-000 São Paulo, SP – BRASIL – tel. 11 3091-1428 – e-mail: hagen@usp.br

bem da verdade, é muitas vezes ignorada por pesquisadores que *descrevem pela primeira vez* fatos já assinalados ou exaustivamente estudados pelo nosso incógnito sábio naturalista.

O fato mais conhecido — mas insuficientemente valorizado — é a experiência darwinica de Fritz Müller, sustentada no livro *Für Darwin* e também representada pela extensa correspondência com o naturalista inglês, propositor do conceito de evolução das espécies pelo mecanismo da seleção natural na luta pela existência. Essa intimidade de correspondência com Darwin influenciou sua visão da natureza. Ele próprio admite que o enfoque evolutivo contido em "*Origem das espécies*" fecundou os seus estudos de animais e plantas com um encanto tão expressivo, que se dedicou a tudo observar sob a perspectiva da evolução pelo mecanismo da seleção natural³. Porém, não é justo admirar Fritz Müller tão somente pelo apoio concedido a Charles Darwin. Ele, por força de sua enorme capacidade de trabalho, persistência e acuidade nas observações ao longo de 45 anos vividos em Santa Catarina, trouxe tantas e tão importantes contribuições à ciência — muitas caíram no domínio público e atualmente nem se menciona o autor da descoberta —, que, mesmo desconsiderando a impressionante cifra de publicações, com tranqüilidade se pode situar Fritz Müller entre os gigantes da ciência do século XIX, com estudos e relatos que repercutem até a atualidade e estão perenizados nos campos da história natural de animais e plantas, do evolucionismo, da antropologia, da história da ciência e da história da colonização alemã no Brasil.

Apresentamos aqui 10 fatos notáveis no campo da história natural.

A OBRA CIENTÍFICA DE FRITZ MÜLLER

1- Evolução das espécies – pioneirismo experimental

Foi no mundo o primeiro naturalista a testar no campo, em longa série de observações realizadas com crustáceos marinhos do litoral catarinense, estudos comparativos em embriologia, ontogenia, ecologia, fisiologia e morfologia, a proposição de Charles Darwin sobre a evolução das espécies, longamente explanada em 1859 no magnífico livro *On the origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. Apenas 5 anos após, em apoio a Darwin, Fritz Müller publicou em 1864, na Alemanha, o livro *Für Darwin (Para Darwin ou Pró-Darwin)*, o qual foi traduzido para o inglês por determinação do próprio Charles Darwin e publicado com aditamentos do autor em 1869, na Inglaterra, sob o título *Facts and arguments for Darwin*.

As duas edições da obra contém 12 capítulos⁴:

I- Introdução

II- As espécies de *Mellita*

III- Morfologia dos crustáceos – A larva náuplio

IV- Peculiaridades sexuais e dimorfismo

V- Respiração nos caranguejos terrestres

VI- Estrutura do coração nos Edriophthalma

VII- História do desenvolvimento dos Podophthalma

VIII- História do desenvolvimento dos Edriophthalma

IX- História do desenvolvimento dos Entomostraca, Cirripedia

e Rhizocephala

X- Sobre os princípios da classificação

XI- Sobre o progresso da evolução

XII- Progresso na evolução em Crustacea

O livro *Für Darwin* apareceu na plena ebulição dos debates evolutivos no continente europeu, no campo filosófico, quando partidários e opositores se polarizavam nos extremos do criacionismo fixista e do evolucionismo ateísta, e foi fundamental para a consolidação e difusão da doutrina da evolução postulada por Charles Darwin, no mundo no século XIX. Dois fatos relevantes merecem ser destacados. O primeiro é que a inspiração dos estudos surgiu em 1861, e já em 1864 a obra estava publicada, portanto, apenas três anos para elaborar todas as complexas investigações sobre crustáceos, sob o ponto de vista da evolução darwiniana. O segundo é que em 1864 dois outros textos foram publicados^{5,6}, de autores bem conhecidos no meio científico e contra o darwinismo nascente, compondo o livro de Fritz Müller um substancial esteio experimental das proposições de Darwin.

2- Um dos principais correspondentes estrangeiros de Charles Darwin

Foi um dos mais expressivos correspondentes estrangeiros, senão o principal em atividade naturalista no campo, de Charles Darwin, que após a publicação do *Für Darwin* o menciona na maioria de suas publicações sobre animais e plantas, incluindo 12 citações nas extensas discussões na 6ª edição do *Origem das espécies*. A assídua comunicação escrita possivelmente teve início antes da publicação do *Für Darwin* (1864), perdurou até a morte de Darwin em 1882 e compõe-se de pelo menos 58 cartas⁷. Segundo Francis Darwin, filho do naturalista inglês, *essa correspondência foi uma fonte de prazer para seu pai; tinha até a impressão de que, de todos os amigos que seu pai não chegou a conhecer pessoalmente, Fritz Müller foi aquele por quem tinha o maior apreço*⁸. Tanto isso é verdade que Charles Darwin o denominou o *Príncipe dos Observadores* da natureza.

A continuada troca de cartas e materiais (especialmente partes de plantas) nos remete a um aspecto muito interessante do intercâmbio entre os dois naturalistas, ao qual o biógrafo de Fritz Müller e médico em Blumenau, Dr. Cezar Zillig, denominou “pesquisa por encomenda”⁹. Trata-se do hábito do inglês (residente na cidade de Dow na Inglaterra) solicitar aos correspondentes de sua confiança que observassem, no campo a ele distante e inacessível, alguns fenômenos importantes aos seus estudos da história natural de plantas e animais. E Fritz Müller, o “príncipe dos observadores”, era alvo de muitas solicitações, às quais atendia com enorme satisfação e cujos resultados, minudenciados em longas cartas, eram aproveitados por Charles Darwin em suas publicações ou nas novas edições do *Origem das espécies*.

3- Correspondeu-se com inúmeros cientistas da época

Ao longo de sua vida, Fritz Müller manteve correspondência com dezenas de naturalistas do exterior e do nosso país. Seguramente foram muitas centenas ou até alguns milhares as cartas recebidas e enviadas, uma parcela das quais foi resgatada por seu sobrinho Alfred Möller^{10,11}. Além dos seus irmãos Hermann e Wilhelm, também naturalistas na Alemanha, incluem-se na Alemanha Max Johann Sigismund Schulze, Ernst Haeckel, Ernst Krause, Oscar Schmidt, Carl Friedrich Wilhelm Claus, Wilhelm Moritz Keferstein, Friedrich Hildebrand, Friedrich Ludwig e Friedrich Leopold August Weismann; na França Henri Milne-Edwards; na Itália Paul Mayer; no Reino Unido Raphael Meldola e Joseph Dalton Hooker; nos Estados Unidos da América Alexander Agassiz, Robert McLachlan e Hermann August Hagen; no Brasil Ernst Ule, Hermann von Ihering e Nicolau Joaquim Moreira, entre muitos outros.

4- Inúmeras descobertas sobre animais e plantas, atualmente de domínio popular

Nos 45 anos vividos em Santa Catarina e dedicados ao estudo da mata Atlântica e da fauna aquática, Fritz Müller legou ao mundo uma imensa quantidade de informações sobre a história natural de animais e plantas. Muitas hoje permeiam livros didáticos e acadêmicos, sem mencionar o descobridor. Consignamos duas explicações para essa orfandade de autoria.

Ocorre que muitas descobertas se referem a realidades atualmente consideradas corriqueiras e cujo achado se perdeu no tempo. Portanto, é como se hoje o legado mülleriano fosse tomado como de domínio público. É verdade que na época de Fritz Müller havia ou desconhecimento total do fato, ou controvérsias que eram debatidas em publicações acadêmicas, às vezes com acirrada eloquência. Um exemplo é a presença de ambos os sexos nas castas neutras (soldados e operários) dos cupins, outro é a onipresença do casal real (macho e fêmea) nas colônias do mesmo inseto, casos brilhantemente comprovados por Fritz Müller, o primeiro em preparações laboratoriais (lâminas de microscopia, magnificamente estudadas e reproduzidas em desenhos precisos), o segundo em coletas minuciosas na exuberante natureza catarinense¹². Destarte, o lapso na menção do descobridor não o menospreza diante da ciência e, bem ao contrário, destaca o seu mérito científico na produção de um conhecimento de uso corriqueiro e universal.

Outras omissões têm significação bem diversa e denotam descaso na condução dos assuntos da ciência. Ocorrem *ou porque os artigos originais estão publicados em alemão, em periódicos científicos do século XIX (disponíveis em pouquíssimas bibliotecas), e, a bem da verdade, também aqui como*

*albures, porque muito cientista atual cultiva certa preguiça para obter e consultar os textos antigos, ou deliberada vontade de se afamar com a descoberta alheia*¹².

5- Propôs o “princípio da recapitulação ontogenética”

Embora não fosse uma idéia nova, o *princípio da recapitulação ontogenética* foi fundamentado por Fritz Müller através de seus minuciosos estudos do desenvolvimento embrionário e larval dos crustáceos, no livro *Für Darwin* (1864). Esse tema foi explicitado no capítulo XI e aplica-se aos crustáceos, sem nenhuma generalização voltada para outros grupos de animais (tradução dos autores, mantendo-se os destaques da obra original):

[p. 76] “... Num curto período de poucas semanas ou meses, as formas cambiantes de embriões e larvas farão passar diante de nós um quadro, mais ou menos completo e mais ou menos verdadeiro, das transformações através das quais a espécie, no percurso de milênios incontáveis, percorreu até o seu estado atual. ...

...

[p. 77] *O registro histórico, preservado na história do desenvolvimento, vai-se mascarando à medida que o desenvolvimento se aproxima de um caminho cada vez mais reto, do ovo ao animal adulto, e é frequentemente falseado por meio da luta pela existência que as larvas de vida livre têm de vencer. ...*

...

[p. 81] *A história primitiva de uma espécie será preservada tanto mais perfeitamente na sua história de desenvolvimento, quanto maior for a série de estados juvenis pelos quais ela passa de maneira uniforme, e será tanto mais fiel quanto menos o modo de vida dos jovens diferir do dos adultos, e quanto menos as particularidades das formas juvenis individuais possam ser concebidas como transferidas de fases mais tardias para as mais jovens, ou como adquiridas independentemente.*

Apliquemos isso aos crustáceos.”

Essa idéia muito empolgou Ernst Haeckel, a ponto deste a universalizar e tratar como Lei Biogenética Fundamental, a qual seria a prova embriológica definitiva da evolução das espécies, no livro *Generelle Morphologie der Organismen*¹³, publicado em 1866 e no qual não faz menção a Fritz Müller ou ao *Für Darwin*. Haeckel sintetizou o conceito na frase *a ontogenia recapitula a filogenia* e se tornou conhecido como autor da proposição.

O princípio da recapitulação ontogenética atualmente é desconsiderado como prova evolutiva no meio científico. Porém, a proposta de Fritz Müller, deturpada e generalizada por Ernest Haeckel, foi muito importante por estimular discussões e estudos sobre a embriogênese, o que resultou no grande progresso da embriologia comparada, na segunda metade do século XIX.

6- Descobriu o mimetismo que hoje leva o seu nome: mimetismo mülleriano

Após passar 5 anos na amazônia brasileira, o naturalista inglês Henry Walter Bates descreveu em 1862 a forma de mimetismo hoje designada batesiano, idealizada para borboletas, em que espécies palatáveis se assemelham a espécies não palatáveis (ou modelo, que se alimenta de plantas tóxicas e adquire esta propriedade), de sabor repugnante¹⁴. As miméticas não são molestadas por predadores, que aprenderam a evitar a espécie modelo. Esse mimetismo é uma forte evidência a favor do mecanismo de evolução por seleção natural, proposto por Darwin em 1859.

Empenhado em estudos na linha evolutiva darwinica, Fritz Müller descreveu em 1878 e 1879¹⁵ uma nova forma de mimetismo,

também concebido para borboletas ameaçadas por predadores similares, em que diversas espécies não aparentadas e igualmente não palatáveis se parecem e, assim, todas se beneficiam da mesma proteção (Figuras 1 e 2). É o mimetismo mülleriano, uma convergência evolutiva em suporte às idéias de Darwin e tema de atuais estudos ecológicos e etológicos.

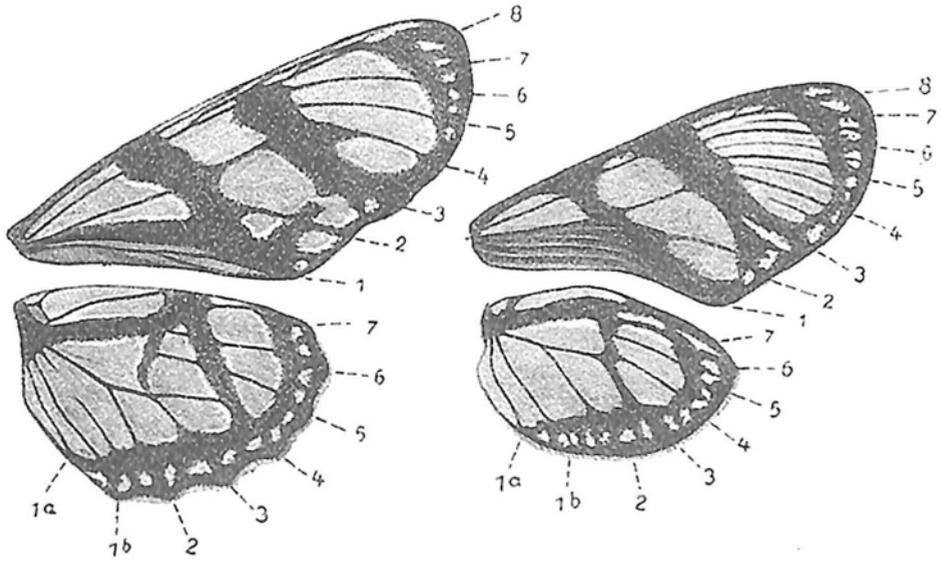


Fig. 1.

Fig. 2.

Fig. 1. Flügel von *Ituna Ilione* ♂ }
 Fig. 2. Flügel von *Thyridia Megisto* ♂ } Unterseite.

FIGURA 1: Ilustrações do artigo original de 1879¹⁵, onde Fritz Müller descreve o mimetismo hoje designado mülleriano. Figuras extraídas da pág. 780 do livro de Alfred Möller (1915. *Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben*. Vol. 1, Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879. Gustav Fischer, Jena, XVIII + 800 pp.).

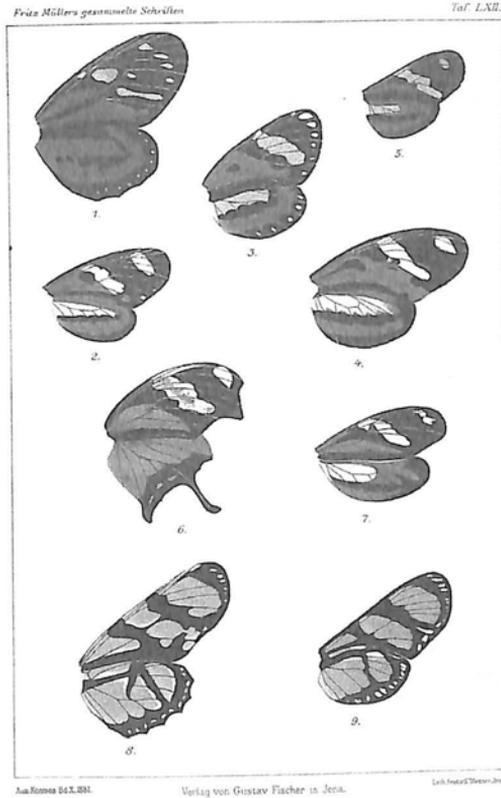


FIGURA 2 - Ilustrações de um artigo publicado por Fritz Müller em 1881¹⁵, com casos dos mimetismos hoje designados mülleriano (1 a 5 e 8 a 9) e batesiano (6 a 7). Original em cores. Prancha LXII do atlas de Alfred Möller (1915. *Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben*. Vol. 1, Atlas: Arbeiten aus den Jahren 1844-1899. Gustav Fischer, Jena, 84 pl.).

7- Pioneirismo

Fritz Müller foi pioneiro em diversos campos de pesquisa da natureza, hoje importantes em questões teóricas e práticas em nosso país e à ciência. Destacamos três.

Foi talvez o naturalista que mais desbravou grupos botânicos e de invertebrados, estudando-os ao longo de vários anos e com profundidade. Abriu, pois, numerosas frentes de pesquisa, que outros puderam depois

trilhar com segurança. Por exemplo, aí estão os cupins¹² grupo que, nas preleções de um dos autores, somente por exceção não se recordam quatro ou cinco descobertas müllerianas.

Foi pioneiro no estudo da fauna e da flora da exuberante Mata Atlântica do sul do país. Neste assunto, destacamos que Fritz Müller foi, e nisso permanece imbatível até a atualidade, o naturalista que mais tempo consagrou ao estudo da Mata Atlântica: 45 anos de sua vida, ou seja, todo o período vivido no Brasil, dos 30 aos 75 anos de idade, quando faleceu. De suas 237 publicações produzidas no país, algumas versam sobre animais marinhos e a maioria sobre animais e plantas da Mata Atlântica.

Sua casa foi edificada na mata, com material lá obtido e assim igualmente mobiliada;

sua roça era no terreno original da mata e lhe deu experiência na derrubada das árvores, no manejo do solo que bela fauna existe no solo da Mata Atlântica! Será essa a fonte de inspiração para o seu primeiro estudo entomológico, devotado aos cupins? e no cultivo das plantas, competindo com a fauna da mata no trato e consumo dos cultivos;

seu alimento vinha muito da mata;

seus passeios eram na mata;

suas excursões científicas rasgavam a mata;

o ar que respirava vinha puro da mata;

a água que bebia e lavava filtrava nos riachos que sulcavam a mata;

seus rejeitos e dejetos enriqueciam a mata;

via nascer o sol e o poente na mata, e assim a lua e as estrelas;

enfim, viveu e maturou na mata, e finalmente se lá não morreu o corpo cansado, o pensamento estava imerso na mata, no seu delírio terminal de vida, nem dor nem loucura, apenas as belas bromélias da Mata Atlântica¹⁶, da formosa mata que no correr de 45 anos diariamente lhe deslumbrou o olhar e o pensamento.

Estudou exaustivamente a fauna associada a bromélias. Caracterizou pormenorizadamente, por exemplo, um diminuto crustáceo ostrácodo que habita os tanques hídricos instáveis das bromélias, o qual batizou de *Elpidium bromeliarum*¹⁷ (Figura 3). Estudou um inseto tricóptero exclusivo desse mesmo hábitat, inicialmente seus imaturos e as casinhas que constróem^{18,19}, e ao descobrir os adultos batizou a espécie com o nome *Phylloicus bromeliarum*^{20,21} (Figura 4). Também descobriu que essa coleção aquosa serve de criadouro a mosquitos^{17,22}.

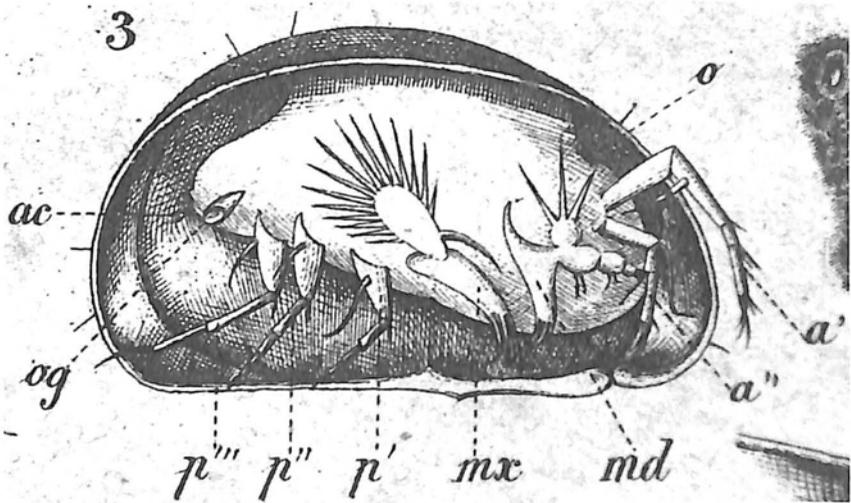


FIGURA 3 - *Elpidium bromeliarum*, ostrácodo habitante dos tanques hídricos das bromélias Do artigo original publicado em 1879¹⁷, Fig. 3.

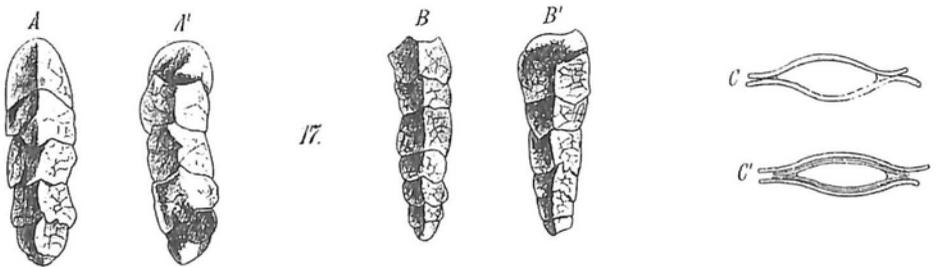


FIGURA 4 - Duas casa do inseto tricóptero *Phylloicus bromeliarum* em vistas dorsal e ventral, e em corte transversal. Do artigo original publicado em 1878¹⁸, Fig. 17.

8- Precursor dos ecólogos

O termo ecologia foi cunhado pelo naturalista alemão Ernst Haeckel em 1866¹³, compreendendo as relações do organismo com o ambiente, mas coube ao botânico dinamarquês Eugen Warming apresentar o conceito atual da ecologia, definindo-a como um ramo da ciência, complexo e merecedor de estudo individualizado, em um livro publicado em 1895²³, tendo também ministrado o primeiro curso sobre o assunto na Universidade de Copenhague.

Fritz Müller não utilizou nem o termo nem o conceito proposto por esses cientistas para a nascente especialidade. Porém, foi um observador minucioso das relações dos seres vivos entre si e com o ambiente, preocupado com a devastação das áreas naturais efervescentes de vida selvagem²⁴. Na sua vida prática de naturalista, foi um ecólogo, ou melhor, um precursor dessa categoria ainda inexistente de cientistas.

Outro motivo para assinalar a posição de Fritz Müller como um ecólogo precursor é ele ter sido primeiro no mundo a apresentar um modelo matemático de dinâmica populacional — seleção natural na população de borboletas miméticas —, em seu clássico artigo de 1879 sobre o mimetismo¹⁵. Seu modelo demonstra a vantagem recíproca de duas espécies miméticas, com vantagem para a espécie mais rara (menos perda por predação). Esse modelo passou incompreendido entre os naturalistas e acabou esquecido na história da ecologia.

1) Seien a_1 und a_2 die Zahlen zweier ungenießbaren Schmetterlingsarten in einem bestimmten Bezirk während eines Sommers, und sei n die Zahl der Schmetterlinge einer wohl unterschiedenen Art, die im Laufe des Sommers verzehrt werden, bis deren Ungenießbarkeit allgemein bekannt ist.

Wären die beiden Arten ganz verschieden, so verlöre also jede n Stück. Sind sie dagegen ununterscheidbar ähnlich, so verliert die erste $\frac{a_1 n}{a_1 + a_2}$, die zweite $\frac{a_2 n}{a_1 + a_2}$.

Der absolute Gewinn durch die Aehnlichkeit ist also für die erste Art $n - \frac{a_1 n}{a_1 + a_2} = \frac{a_2 n}{a_1 + a_2}$ und ebenso für die zweite $\frac{a_1 n}{a_1 + a_2}$.

Dieser absolute Gewinn, verglichen mit der Häufigkeit der Art, giebt als relativen Gewinn für die erste Art $I_1 = \frac{a_2 n}{a_1 (a_1 + a_2)}$ und für die zweite Art $I_2 = \frac{a_1 n}{a_2 (a_1 + a_2)}$, woraus sich sofort ergibt $I_1 : I_2 = a_2^2 : a_1^2$.

1) Sendo a_1 e a_2 os números de indivíduos de duas espécies de borboletas não comestíveis numa determinada área durante um verão, e sendo n o número de borboletas de uma espécie bem diferente, que é consumida durante o verão até a sua não comestibilidade ser bem amplamente conhecida.

Se as duas espécies fossem bem diferentes, cada espécie perderia n indivíduos. Se ao contrário elas forem indistinguívelmente semelhantes, a primeira perderia $\frac{a_1 n}{a_1 + a_2}$ e a segunda $\frac{a_2 n}{a_1 + a_2}$.

O ganho absoluto devido à semelhança seria para a primeira espécie $n - \frac{a_1 n}{a_1 + a_2} = \frac{a_2 n}{a_1 + a_2}$ e assim também para a segunda $\frac{a_1 n}{a_1 + a_2}$.

Esse ganho absoluto, comparado com a frequência da espécie, dá para a primeira espécie $I_1 = \frac{a_2 n}{a_1 (a_1 + a_2)}$ e para a segunda $I_2 = \frac{a_1 n}{a_2 (a_1 + a_2)}$, do que resulta $I_1 : I_2 = a_2^2 : a_1^2$.

FIGURA 5 - Em cima, modelo matemático publicado em 1879, que demonstra a vantagem recíproca de duas espécies miméticas, com vantagem para a espécie mais rara (menos perda por predação). Abaixo apresentamos a tradução para o português. Texto obtido à pág. 786 do livro de Alfred Möller referido na legenda da Figura 1.

9- Projetou o nome do Brasil no cenário científico mundial

Fritz Müller instalou-se em Santa Catarina, lá ganhou fama, recebeu homenagens internacionais, foi convidado a retornar ao seu país de origem na apreciável posição de professor universitário, mas jamais se dispôs a abandonar a pátria adotiva. Nem a passeio retornou à civilizada Europa.

... apesar de tudo estamos satisfeitos, e por nada no mundo deixaríamos o nosso mato para voltar à civilizada Europa. [livro O sábio e a floresta⁹, p. 51]

Suas publicações, juntamente com as belezas da natureza subtropical lá descritas, divulgaram ao mundo o Brasil e as então ermas

e desconhecidas localidades de Desterro (atual Florianópolis), Itajahy²⁵ e Blumenau.

10- Exemplo de competência e simplicidade

O micologista e sobrinho Alfred Möller visitou Fritz Müller de 1890 a 1893 e assim descreveu seu local de trabalho²⁶: *Uma mesa simples está junto à janela, carregada com os utensílios de trabalho mais necessários, entre eles um velho microscópio Hartnack²⁷. Na parede se encosta uma estante de livros muito simples. Além disso se encontram cama e lavatório neste quarto pequeno, e ao lado da única cadeira muito utilizada uma segunda não encontraria lugar. Não existem coleções. Eu não acredito que no mundo inteiro um sábio, que mereça esta denominação, se satisfaça com um aparato mais modesto. Si se realizar um dia o sonho de uma estação científica no Brasil meridional, o retrato do gabinete de Fritz Müller merece ser ali colocado para sempre a fim de incitar ainda outros a trabalharem incansavelmente também com meios pequenos.*

Fritz Müller demonstrou que a produção científica pode alcançar excelente qualidade, mesmo com recursos materiais e financeiros mínimos. Pois foi um exemplo de humildade no trabalho: com apenas dois microscópios simples, biblioteca mínima, isolado na então pequena e distante Blumenau, trabalhando na lavoura para a subsistência de sua numerosa família, cuidando pessoalmente da educação de suas nove filhas e sem um confrade cientista para compartilhar observações no campo e no laboratório, edificou toda a sua notável obra no isolamento regional e sem jamais retornar ao solo europeu. É um exemplo aos cientistas atuais, muitos habituados a requerer grandes recursos financeiros e equipamentos sofisticados para a pesquisa científica. Fritz Müller, ao contrário, mostrou que, com quase nenhum recurso material, mas com a observação minuciosa e ininterrupta da natureza, é possível colher frutos da mais elevada ciência.

REFLEXÕES SOBRE A VIDA E A OBRA DE FRITZ MÜLLER

É importante situarmos a obra científica de Fritz Müller no contexto de estudos de história natural realizados no século XIX. Fritz Müller foi um dos mais destacados naturalistas desse século. Escolheu por segunda e definitiva pátria o Brasil, cuja natureza o encantou, fixando morada em 1852 na colônia recém-fundada por Hermann Blumenau, remotamente localizada às margens do Rio Itajaí-Açu ao leste do Estado de Santa Catarina. Lá aportou como um simples colono aos 30 anos de idade, mas era um profissional bem preparado, pois recebeu formação parcial em farmácia em Naumburg (1840), cursou e formou-se em filosofia pela Universidade de Berlim (1841-1844, com título de Doutor) e em medicina pela Universidade de Greifswald (1845-1849). Apaixonara-se pelos estudos de história natural, e desenvolvera atividades de naturalista em solo alemão, sob os auspícios do botânico Christian Friedrich Hornschuch (Universidade de Greifswald) e do grande fisiologista e anatomista Johannes Peter Müller (Universidade de Berlim), que fora seu mentor na elaboração da tese de doutorado, sobre as sanguessugas dos arredores de Berlim.

Fritz Müller se empenhara nos estudos universitários e recebera magnífico apoio em sua formação científica acadêmica. Na pátria de nascença, porém, por idealismo e convicções pessoais também se metera em conflitos de ordem religiosa e política²⁸, a ponto de romper com a família e com o sistema social vigente, decidindo pela emigração. Não há dúvida de que estava preparado para ser um naturalista competente, em qualquer área de seu interesse e em qualquer parte do mundo onde desejasse se fixar. O futuro na ciência, entretanto, não se determina apenas pela vontade e formação acadêmica. Necessariamente, há que se refletir que a obra científica de Fritz Müller foi grande, também, pela conjunção

de fatores que lhe facultaram trabalhar no esplendor de sua potencialidade de observador da natureza.

Um primeiro ponto a considerar é que a colônia fundada por Hermann Blumenau (atual cidade de Blumenau) encontrava-se no seio da mata virgem — a Mata Atlântica do sul do Brasil —, uma vegetação exuberante e dotada de impressionante diversidade de vida animal e vegetal. Não havia, porém, uma mata homogênea, pois a colônia localizava-se em uma região geográfica rica em diferentes habitats relativamente próximos entre si, com matas de planície (dominantes na região, cuja altitude média em relação ao nível do mar é de 21 metros), ciliares, de encosta, de planalto, de afloramentos rochosos, além de campos de altitude e brejos. Também estava relativamente próxima do mar, outro manancial de vida muito apreciado pelo naturalista e com belíssimas vegetações costeiras, como as matas de restinga ou jundu, os manguesais e as dunas das praias. Essa diversidade de vida foi a matéria prima disponível ao insigne naturalista, ao longo de seus 45 anos vividos no Brasil.

Um segundo e importante aspecto é o isolamento da região, o qual, se trouxe dificuldade de contato com o mundo dito civilizado e ao intercâmbio de materiais e correspondência, também atuou muito positivamente na construção da obra mülleriana. Afinal, o naturalista abandonou o solo europeu por força do impasse gerado por suas convicções pessoais, em busca de uma terra onde seu pensamento fosse livre das amarras das convenções religiosas e políticas da época, preponderantes na vida acadêmica e social de sua terra natal. Claro que na colônia de imigrantes havia regras rígidas, impostas pelo fundador e necessárias ao sucesso do empreendimento — essas de modo algum eram empecilho ao crescimento do sábio naturalista e iam ao encontro aos seus ideais de vida, pautados na honestidade e no esforço do trabalho — e alguma influência religiosa — passível de ser por ele ignorada, sem prejuízo algum a sua vida na colônia,

ao contrário do que ocorrera na pátria natal. O mais importante na nova pátria e na pequena colônia alemã, entretanto, foi o fato de Fritz Müller ter vivido a uma distância mais do que segura das querelas políticas e pessoais do meio acadêmico nacional, que se desenrolavam na distante capital do império, a cidade do Rio de Janeiro. Não fosse assim o naturalista, cuja vida se pautava na retidão do caráter forte e irredutível mesmo frente aos mais acerbos imprevistos, poderia ter sido tolhido em sua liberdade de ação, com reflexo negativo na produção científica. Afinal, não há porque se imaginar que no passado o trato das coisas da ciência, sob o patrocínio das convenções e das personalidades da época, diferisse fundamentalmente daquilo que se observa na atualidade.

O isolamento geográfico e em região selvagem colocou Fritz Müller em contato íntimo com a natureza, também e especialmente sob a perspectiva da sobrevivência. Não era o emprego num cargo de naturalista que lhe garantiria o sustento, como ocorria no moderno meio acadêmico europeu ou nas instituições de pesquisa criadas pelo Imperador no Rio de Janeiro — somente muito mais tarde (24 anos após chegar ao Brasil e durante 15 anos, de 1876 a 1891), receberia proventos no cargo de naturalista viajante do Museu Nacional. Era um colono como os demais e todo o seu conhecimento acadêmico seria posto à prova na obtenção do próprio sustento, na dura vida de pioneiro na nascente colônia — construir a própria morada, confeccionar mobília, derrubar a mata para a lavoura, preparar o solo, semear, cuidar de cultivo, colher, armazenar, caçar, preparar e conservar os alimentos, navegar em pequenas embarcações por rios sinuosos, diagnosticar e tratar doenças conhecidas e outras novas, defrontar inúmeros perigos insólitos (índios, cobras peçonhentas, onças, mosquitos), evitar a degradação dos bens materiais diante das ameaças do mundo subtropical (umidade, cupins, fungos, inundações), educar as filhas, entre outros muitos desafios. Agora era o conhecimento científico

do jovem naturalista imigrante que seria defrontado com a prática rude, imposta pela necessidade de sobreviver — enfim, nada que se assemelhasse à experiência comum da vida urbana a que estava acostumado, nem às facilidades do mundo científico acadêmico europeu. Afinal, na realidade bruta da natureza indomada, temos que consignar que as plantas e os animais não lêem as teses acadêmicas, não se comportam conforme certos livros e artigos científicos insistem em prescrever, nem se adequam às condições experimentais rigorosamente artificiais dos ensaios conduzidos em laboratórios, ou dos ensaios de campo sob circunstâncias arbitradas pelo comodismo do observador no cenário acadêmico. Não, em intercâmbio íntimo com a crueza do mundo natural, Fritz Müller teve a oportunidade de por à prova o conhecimento teórico, e como lucro auferiu para a humanidade o conhecimento real oriundo da dura prática vivencial.

O retiro geográfico também não facultou a Fritz Müller contato pessoal direto, senão com poucos naturalistas. Ele porém não se exilou intelectualmente e manteve profícua correspondência escrita com muitos, para intercâmbio de idéias e provavelmente muito mais pela satisfação de oferecer informações oriundas de suas amudadas e persistentes observações, sem nada esperar em troca. Assim, pode Fritz Müller usufruir do conhecimento e das discussões alongadas na troca de cartas ao ritmo lento dos correios, e se manteve afastado das mazelas que a natureza humana muita vez cultiva com ardor e responde por tantos desalinhos nos rumos da vida profissional. Se mais não lucrou devido às limitações inerentes aos meios de comunicação da época, também não foi importunado pelos conchavos e atitudes pessoais deste ou daquele naturalista, que tanto prejuízo acarretam ao curso da ciência.

FRITZ MÜLLER – UM NATURALISTA COMPLETO, PRÓPRIO DO SEU TEMPO

A vida e a natureza do trabalho realizado por Fritz Müller suscitam um certo ar romântico, o homem em busca da compreensão mais profunda da natureza, armado de sua criatividade e de um mínimo de instrumentos. Em verdade, a consecução da obra mülleriana representou árduo esforço pessoal, que poucos teriam suportado. Além do isolamento, da busca do próprio sustento e da falta de patrocínio oficial, a senda experimental mülleriana diferia radicalmente daquela hoje conhecida e aceita no meio acadêmico, e sobre esse assunto desejamos finalizar com breve reflexão. Nunca será redundante lembrar que Fritz Müller, um dos mais importantes naturalistas do século XIX e o mais expressivo dentre os de nosso país, é um ícone das ciências naturais, mas de um tempo passado, que parece estar definitivamente perdido no horizonte acadêmico atual. Para sua felicidade — e da ciência mundial —, ele nasceu, brilhou e se extinguiu no século XIX. Pois se vivesse hoje — com a mesma iluminada mente que deslindou tantas descobertas, tão minuciosamente estudadas —, não teria futuro algum no panorama universitário. Jamais seria convidado a participar de atividades científicas acadêmicas e muito seguramente sequer seria aceito em um programa de pós-graduação em instituição brasileira²⁹. Seus estudos taxonômicos seriam considerados escassos e insuficientes, suas longas observações da natureza catarinense eram demasiadamente concertadas na óptica pessoal do naturalista e poderiam ser taxadas de simplórias, por serem destituídas do hoje tão requisitado embasamento da dita “metodologia científica” que norteia significativa parcela da produção acadêmica, e suas notas científicas eram muito resumidas e fora da padronização formal requerida pela maioria dos periódicos nacionais. Onde publicar na atualidade um artigo com a excelência de “Der Minhocão”,

fruto da mente brilhante e observadora de Fritz Müller, que escudado em relatos colhidos ao longo de décadas em fontes fidedignas mas simplórias, ousou relatar um possível mito? Como publicar seus belíssimos trabalhos sobre cupins¹² (cujo conteúdo ofusca muita tese de pós-graduação da atualidade), se nem mesmo a casuística foi relatada, nem um simples tratamento estatístico foi aplicado aos dados e alguns táxons são, quando muito, vagamente identificados? Como confiar em observações pontuais, somadas ao longo dos anos de rude experiência nas matas e que hoje designam fatos corriqueiros de história natural — repetidos em livros acadêmicos e didáticos sem menção ao autor da descoberta —, porém colhidos ao sabor da preferência pessoal do autor, sem o suporte da metodologia convencional de amostragem e da estatística? Horror dos horrores, Fritz Müller não coletava seus dados em transectos, não fazia controles de temperatura e umidade, mal caracterizava as vegetações em que fazia suas observações, valorizava ao extremo observações pontuais e às vezes únicas de determinados fenômenos, não aplicava estatísticas aos resultados experimentais... Ao largar o solo europeu, Fritz Müller tornou-se um amador da ciência³⁰, que pouco desfrutou de vínculo com instituição oficial³¹, um professor ginásial sobretudo desempregado, um médico não-praticante, e um efetivo lavrador. A figura do sábio naturalista destoa tanto do padrão mediano do cientista ou atual profissional das ciências naturais, que ele seria designado um excêntrico, individualista e defasado em metodologia experimental. Talvez sua figura, seus feitos e métodos de trabalho não sejam, efetivamente, bons exemplos à maioria dos atuais biólogos³².

Para felicidade da ciência mundial, Fritz Müller viveu uma época e condições propícias ao seu gênio criador e à realização de sua notável obra, de significativo valor às ciências naturais e ao evolucionismo darwinista. Não importa o quanto seus estudos destoem do universo acadêmico atual.

Nós o apreciamos pela grandeza de seu trabalho, não apenas consignado em publicações acadêmicas formais, como também pelo exemplo de vida e de competência, sintetizada na frase que utilizou em sua tese de doutorado e em seu imprescindível e único livro, o *Für Darwin*:

*Aliás, o que exponho, sem jurar nas palavras de ninguém, e sem compilar as descobertas de outrém, é o que eu mesmo investiguei, achei e observei por diversas vezes e em diverso tempo.*³³

Era o que desejávamos consignar, sobre o *príncipe dos observadores*.

REFERÊNCIAS

³Zillig, C., 1997. *Dear Mr. Darwin. A intimidade da correspondência entre Fritz Müller e Charles Darwin*. Sky/Anima Comunicação e Design, São Paulo, 241 pp. [Testemunhos, p. 56]

⁴Os títulos dos capítulos foram inovações da edição inglesa. Na edição alemã os capítulos são apenas numerados, porém sem título e a obra também não contém índice dos capítulos.

⁵Rudolph Albert von Kölliker (1817-1905), professor de anatomia e fisiologia em Würzburg, Alemanha. Artigo: Kölliker, A., 1864. Über die Darwin'sche Schöpfungstheorie. *Zeitschrift für wissenschaftliche Zoologie* 14: 3-15.

⁶Marie Jean Pierre Flourens (1794-1867), fisiologista francês, fundador da neurofisiologia e professor de história natural do College de France. Livro: Flourens, P., 1864. *Examen du livre du M. Darwin sur l'Origine des Espèces*. Garnier Frères, Paris, 171 pp.

⁷Zillig (veja nota 3; *As cartas*, p. 80-86)

⁸Darwin, F., 1958. *The autobiography of Charles Darwin and selected letters*. Dover Publications.

⁹Zillig (veja nota 3; *Pesquisa por encomenda*, p. 16-19). Sobre este tema, consulte-se também Castro, M. W., 2007. *O sábio e a floresta. A extraordinária aventura do alemão Fritz Müller no trópico brasileiro*. 2ª ed., EDUEP, Campina Grande, 151 pp. [VII *O Príncipe dos Observadores*, p. 89-91]

¹⁰Möller, A., 1921. *Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben*. Vol. 2: Briefe. Gustav Fischer, Jena, XVII + 667 pp, 4 pl.

¹¹Inúmeros acréscimos à correspondência de Fritz Müller constam do livro do Dr. David A. West, 2003. *Fritz Müller, a naturalist in Brazil*. Pocahontas Press, 376 pp.

¹²Fontes, L. R., 2007. Fritz Müller – Primeiro termitólogo do Brasil. *Blumenau em Cadernos 48 (5/6)*: 24-41. [p. 31]

¹³Haeckel, E., 1866. *Generelle Morphologie der Organismen. Allgemeine Grundzüge der organischen Formen-Wissenschaft, mechanisch begründet durch die von Charles Darwin reformirte Descendenz-Theorie*. Vol 1, *Allgemeine Anatomie der Organismen*, 574 pp., 2 pl. Vol. 2, *Allgemeine Entwicklungsgeschichte der Organismen*. G. Reimer, Berlin.

¹⁴Henry Walter Bates (1825-1892), naturalista inglês, excursionou na amazônia (estados do Pará e Amazonas) por 11 anos (1848-1859), inicialmente em companhia do também naturalista Alfred Russel Wallace (1823-1913), que retornou à Inglaterra em 1852. Artigo original sobre mimetismo: Bates, H. W., 1862. Contributions to an insect fauna of the Amazon valley. Lepidoptera: Heliconidae. *Transactions of the Linnean Society* 23: 495-566.

¹⁵Parece estranho apresentar duas datas para a descrição do mesmo fenômeno, porém o caso foi desembaraçado por West (veja nota 11; p. 234-236). Um resumo foi publicado em 1878 (Über die Vorteile der Mimicry bei Schmetterlingen. *Zoologischer Anzeiger* 1: 54-55), enquanto a discussão completa da matéria, com 4 figuras, foi apresentada ao periódico em 1878, porém somente publicada em 1879 (*Ituna und Thyridia. Ein merkwürdiges Beispiel von Mimicry bei Schmetterlingen. Kosmos* 5: 100-108). Este último artigo foi traduzido pelo entomólogo inglês Raphael Meldola e no mesmo ano aparece em outro periódico (*Ituna and Thyridia; a remarkable case of mimicry in butterflies. (With members' comments). Proceedings of the Entomological Society of London 1879*: 20-29). Fritz Müller retorna ao tema com novos casos em 1881 (1881/82, Bemerkenswerte Fälle erworbener Aehnlichkeit bei Schmetterlingen. *Kosmos* 10: 257-267, pl. 6).

¹⁶Sobre o delírio no final da vida de Fritz Müller, consulte-se o capítulo *Delirium Bromeliarum* (p. 145-147) do livro *O sábio e a floresta* (veja nota 9).

¹⁷Müller, F., 1879. Descrição do *Elpidium bromeliarum*. *Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro*, 4: 27-34.

¹⁸Müller, F., 1878. Sobre as casas construídas pelas larvas de insectos trichopteros da província de Sa. Catharina. *Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro*, 3 (1): 99-124. [Publicado posteriormente também em alemão, em outro periódico: 1880. Über die von den Trichopterenlarven der Provinz Santa Catharina verfertigten Gehäuse. *Zeitschrift für wissenschaftliche Zoologie* 35: 47-87, 2 pl.]

¹⁹Müller, F., 1878/79. Phryganiden-Studien. *Kosmos* 4: 386-396.

²⁰Müller, F., 1878. Sobre as casas construídas pelas larvas de insectos trichopteros da província de Sa. Catharina. Suplemento. *Archivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro*, 3 (2): 125-134. [Publicado também em alemão, em outro periódico (veja nota 18; p. 74-84)]

²¹A publicação dos mesmos artigos em língua alemã, providenciada pelo naturalista professor em Lippstadt e irmão Hermann Müller — provavelmente movido pelo entusiasmo em divulgar na Europa tão atraentes relatos —, gerou uma confusão que persiste até a atualidade. A descrição de *Phylloicus bromeliarum* data de 1878, no segundo caderno do volume 3 dos *Archivos do Museu Nacional*. Esse volume dos *Archivos* foi publicado em dois fascículos ou cadernos, o primeiro referente ao 1º e 2º trimestres, e o segundo referente ao 3º e 4º trimestres de 1878 e cuja paginação é contínua com a do fascículo anterior (começa na página 51). A literatura sobre a Ordem Trichoptera incorretamente refere o ano de 1880 como sendo o da descrição da espécie, porém 1880 é o ano da publicações do artigo em língua alemã, o qual reuniu os dois artigos publicados em português nos *Archivos*; até mesmo a revisão de Prather, A. L., 2003. Revision of the Neotropical caddisfly genus *Phylloicus* (Trichoptera: Calamoceratidae). *Zootaxa* 275: 1-214, erradamente consagra o ano de 1880. Esse erro não tem razão de persistir, se atentarmos à coletânea de Alfred Möller, que reproduz as duas versões (em línguas portuguesa e alemã), lado a lado nas mesmas páginas de sua monumental obra (1915. *Fritz Müller. Werke, Briefe und Leben*. Vol. 1, *Text-Abteilung 1: Arbeiten aus den Jahren 1844-1879*. Gustav Fischer, Jena, XVIII + 800 pp.; páginas 694-741 e 742-758) e refere as datas corretas das publicações. Parece que os entomólogos tricopterologistas não atentaram para a diferença nas datas de publicação dos artigos nos dois periódicos, 1878 nos *Archivos do Museu Nacional* (Rio de Janeiro, Brasil) e 1880 no *Zeitschrift für wissenschaftliche Zoologie* (Leipzig, Alemanha), nem ao *Código Internacional de Nomenclatura Zoológica*, que confere prioridade à data mais antiga.

²²Esse tema é atualmente relevante à saúde pública, pois os mosquitos transmitem a malária silvestre, causada pelo protozoário *Plasmodium vivax*.

No Estado de Santa Catarina, dedicou-se ao assunto o notório Padre Raulino Reitz (1919-1990), que depois se tornou o padre dos gravatás ou padre das bromélias, fundou em Itajaí o Herbário Barbosa Rodrigues e traçou uma das mais luminosas trajetórias de um cientista em nosso país, com sua devoção aos estudos botânicos e à preservação do meio ambiente.

²³Warming, E., 1895. *Plantesamfund – Grundtræk af den økologiske Planetegeografi*. P. G. Philipsens Forlag, Kjøbenhavn, 335 pp. As edições em língua alemã e inglesa universalizaram o conceito na comunidade acadêmica [tradução alemã: 1896. *Lehrbuch der ökologischen Pflanzengeographie – Eine Einführung in die Kenntnis der Pflanzenverenie* by Emil Knoblauch. Berlin, Gebrüder Borntraeger, 1896. 412 pp. Tradução inglesa ampliada: 1909. *Oecology of Plants – an introduction to the study of plant-communities*. Clarendon Press, Oxford, 422 pp.]

²⁴Sobre o tema, consulte-se com proveito o livro de Cezar Zillig (veja nota 3; *Testemunhos*, p. 56-58; *Digno de nota*, p. 64].

²⁵Até 1880 a colônia Blumenau subordinava-se ao município de Itajahy.

²⁶Möller, A., 195. Aus Sa. Catharina, Brasilien. *Naturwissenschaftliche Wochenschrift* 10 (22): 261-265. [p. 265]. O mesmo texto foi repetido, com pequenas modificações de redação, no necrológio preparado pelo naturalista Hermann von Ihering (1898, Fritz Müller. Necrológio. *Revista do Museu Paulista* 3: 17-29) e no livro de Castro (veja nota 9; p. 107).

²⁷Möller confundiu o equipamento, em realidade fabricado por Friedrich Wilhelm Schiek (1790-1870) em Berlim, não era um dos instrumentos de Edmund Hartnack (1826-1891), também alemão porém produzidos em Paris. Essas indústrias atualmente não mais existem.

²⁸Fritz Müller apresentava uma personalidade marcante. Basta mencionar que era incapaz de dissimulação ou de viver em divergência com suas

convicções. Algumas de suas frases marcantes são: “Odeio toda duplicidade que traz uma verdade nos lábios e outra no coração”; “Assim como o corpo respira livremente, também livremente deve pensar o espírito”; “Sempre que tiver que falar, hei de falar a verdade”. Sobre esse assunto, o leitor fará grande proveito se consultar as obras de Castro (veja nota 9; Cap. 2 – A miragem dos trópicos) e de Zillig (Fritz Müller e a fé. Pp. 125-167 *in* Roquette-Pinto, E.; Sawaya, P.; Nascimento, P.; Friesen, G. K. & Zillig, C., 2000. *Fritz Müller: reflexões biográficas*. Editora Cultura em Movimento, Blumenau, 167 pp.).

²⁹Devemos admitir que o próprio Charles Darwin, tão venerado e cultuado em todo o mundo, também não perfaz, nem de longe, o perfil do indivíduo habilitado a ingressar em cursos nacionais de pós-graduação ou colaborar em orientações de dissertações e teses. Aliás, nem poderia, pois se formou em curso superior de teologia (entretanto nem chegou a se ordenar sacerdote!), jamais teve emprego fixo a lhe oferecer abrigo institucional (exceto no navio “Beagle” e apenas durante o curso do programa marítimo desenvolvido a mando da realeza britânica, de dezembro de 1831 a outubro de 1836) e nunca, em nenhum momento, dispôs sequer de um estagiário ou orientando sob sua responsabilidade imediata. Esta última condição o impede definitivamente de orientar pós-graduandos nas instituições pátrias; as outras o qualificam como um clérigo, autônomo e amador em história natural. Além de que seus artigos científicos e livros não seguem o padrão formal exigido na maioria dos periódicos nacionais, não apresentam casuística experimental adequada e tampouco tratamento estatístico. Darwin e Müller se dariam as mãos e poderiam fundar um clube ou associação de amantes da natureza, mas se ousassem caçar umas borboletas, bromélias ou o *minhocão*, ou saborear uma deliciosa jacutinga no jantar, seriam imediatamente autuados por crime ambiental. Se presos em

flagrante, o filósofo e médico Dr. Müller e eventualmente o clérigo Darwin no máximo teriam o benefício de uma prisão especial, por sua formação em curso de nível superior.

³⁰O adjetivo *amador* deriva do particípio amado (verbo amar) e neste contexto designa “aquele que gosta muito de alguma coisa, entusiasta; quem se dedica a uma arte ou ofício por gosto ou curiosidade, não por profissão” (*Dicionário Houaiss da língua portuguesa*). Portanto, sem qualquer conotação pejorativa, aplica-se ao apaixonado pela sua arte, no caso de Fritz Müller, pelas ciências naturais.

³¹Fritz Müller teve dois empregos formais. De 1856 a 1867 foi professor do Liceu Provincial, em Desterro (atual cidade de Florianópolis); esta foi uma fase muito produtiva de sua vida científica, não porém por imposição do cargo, que dele exigia apenas exercer o ensino na escola básica. De 1876 a 1991 foi naturalista viajante do Museu Nacional, com a obrigação de coletar material biológico e apresentar relatórios de pesquisas.

³²A formação do biólogo no país, a título de o preparar para a pesquisa científica, agora é assolada por nova praga, a famigerada obrigação de se apresentar “trabalho de conclusão de curso” (TCC) — monografia feita por imposição, que bem antes da formatura desvia o aluno dos interesses acadêmicos mais nobres e formadores da cultura e capacidade científica, para apenas o habilitar a colar o grau acadêmico.

³³Frase de autoria do naturalista dinamarquês Otto Friedrich Müller, do século XVIII (1730-1784).



A Pacificação documentada (1918 - 1921)
Parte III: **A REVOLTA DOS
BOTOCUDO** no Posto Plate e a
promoção da paz

A PACIFICAÇÃO DOCUMENTADA (1918 - 1921) - PARTE III: A REVOLTA DOS BOTOCUDO NO POSTO PLATE E A PROMOÇÃO DA PAZ

Rafael Casanova de Lima e Silva Hoerhann¹

No mês de dezembro de 1918, após terminarem os serviços na roças, os indígenas informaram ao Eduardo Hoerhann que planejavam uma caçada e, assim estavam nitidamente satisfeitos em proceder. Os guerreiros partiram para o mato e bem armados, retornaram para o Posto, depois de pouco tempo. Sem hesitação, eles cercaram o Posto com um plano de assalto. Hoerhann conta que se não bem os conhecessem, não teria evitado esta tentativa de agressão. Os guerreiros foram para as roças, bradando agressivamente e com grande balbúrdia, quebraram os pés de milho e ameaçaram matar todos os funcionários. Aterrorizaram-nos com gritos intermináveis até o cair da noite, quando Hoerhann buscou saber a causa daquela brusca mudança comportamental. Sem sequer ser atendido, foi obrigado a entregar aos indígenas duas reses, e alguns sacos de farinha. Hoerhann sem saber o motivo desta revolta, destacou:

É de opinião o Encarregado, ser a causa deste imotivada hostilidade, um qualquer incidentes que se tenha dado com civilizados, fora da sede do Posto. Cre ainda, que assumiram essa attitude, procurando injustamente desforra no pessoal de nosso Serviço. É muito lamentavel este facto pois sob todos os aspectos so traz desvantagens ao Posto: em primeiro lugar alterando as boas relacoes que mantinhamos com os indios, evidenciando novamente a desconfianca recipocra. Para reatar as boas relacoes anteriores a desvanecer estas defidencias, será necessario

1 Doutorado na UFSC sob a orientação do Dr. Valmir Muraro.

empenhar com toda paciência e habilidade muito esforço.

Além disso quase todos os trabalhos do Posto são interrompidos, com as medidas de garantia que devem ser tomadas nessas emergências, com relação ao nosso pessoal. Continua o Encarregado, envidando todos os meios no sentido de desvendar qual movel desta ocorrência, tentando mais apressar a normalização da situação, o que espera poder se seguir dentro de pouco tempo.²

Através desse relato é possível compreender porque se demorou quase quatro séculos para contatar os Botocudo de forma amigável. Não é à toa que foram considerados pelos colonizadores do passado como os mais imaleáveis e impossíveis de aproximação. Os Botocudo não possuíam grandes interesses em se tornarem parceiros dos colonizadores, apenas os visitavam quando eram atacados e para adquirem objetos cobiçados.

Com o “sucesso” do primeiro contado pacífico no início do século XX, os Botocudo começaram a perceber as vantagens de conviver com as pessoas estranhas que os procuraram. Auxiliando um pouco nas atividades diárias do Posto, podiam conseguir alimentos e utensílios para toda a comunidade. Mas, por outro lado, não estavam completamente dispostos a modificarem seus hábitos tradicionais, como a liberdade do nomadismo e trabalharem somente quando era necessário, em acordo com a cultura matriz. O que ajudou o SPI a fixá-los em um território comum, foi o surgimento de novas gerações indígenas dentro do Posto, mais habituadas ao modo de vida dos “civilizados.” Também havia a incerteza por parte dos indígenas, de até quando poderiam percorrer livremente as matas. Nesta experiência com os Botocudo, o fracasso de todo o trabalho do SPI, iniciado em 1914, era sempre iminente.

2 HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios**. Mês de dezembro. 1918.

A relação entre o SPI e os guerreiros Botocudo permaneceu incerta em janeiro de 1919.³ Não houve colaboração dos indígenas nas atividades executadas no Posto, sendo que eles faziam contato somente para adquirir. Quase todos os grupos que compunham a comunidade dos Botocudo permaneceram acampados no meio da floresta. Mas, não havia a notícia a respeito daqueles que se envolveram na tentativa de agressão, e por mais que Hoerhann indagasse aos grupos próximos, não conseguia obter informações. Os guerreiros ausentes do Posto eram os mesmos que se protagonizaram uma carneação de bois, porcos e cavalos em 1916, do fazendeiro Francisco Rauen. Com isso, Hoerhann ficou receoso com novos ataques às fazendas locais e, sozinho, foi em busca dos guerreiros rebelados.

No segundo dia de caminhada, Hoerhann encontrou duas mulheres indígenas com algumas crianças. Perguntou a respeito dos guerreiros, e obteve a resposta de que eles pretendiam se vingar de alguns *kokolégma* (inimigos não-indígenas). As mulheres explicaram que há seis anos atrás, quando alguns guerreiros distraídos com as caças adquiridas foram surpreendidos por colonos locais, os quais dispararam suas armas contra eles, atingindo e matando dois indivíduos. Hoerhann ficou ainda mais apreensivo, pois acreditava que um assalto estava por vir, o que traria conseqüências extremamente negativas para o Serviço. Sem perder mais tempo, Hoerhann seguiu o caminho indicado pelas mulheres e depois de dois dias encontrou vestígios que denunciavam uma caçada a porcos selvagens. Passados mais quatro dias, foi encontrado um rancho desabitado há poucos dias, que sugeria que seus moradores indígenas estavam mantendo o nomadismo. No local Hoerhann pernoitou, seguiu viagem logo pela manhã e percebeu que os rastros indicavam uma maior proximidade com os guerreiros desaparecidos.⁴

3 Cf. HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios**. Mês de janeiro. 1919.

4 Cf. *Ibidem*.

Quando a busca completou onze dias, Hoerhann encontrou alguns membros do grupo Botocudo, os quais ficaram visivelmente aborrecidos com a surpresa inesperada. Ao serem interrogados do porquê de estarem ali, os Botocudo perguntaram se Hoerhann não havia percebido pelos vestígios, a atividade da caça. Na verdade eles se organizavam para atacar uma fazenda local, uma vez que estudavam as melhores posições para a investida, fizeram caminho para facilitar a fuga, cavaram diversas trincheiras e tomaram os cuidados pré-assalto como de costume. Confirmaram a Hoerhann, sem receios, toda a história contada pelas mulheres e, igualmente, todos os detalhes do plano de vingança que estava por acontecer. Hoerhann os convenceu para esperarem mais algum tempo antes do ataque, pois ele queria ir até a fazenda para conversar com o proprietário.⁵

Hoerhann chegou na localidade depois de algumas horas e, ao conversar com Antonio de Haro Varela confirmou que estava no distrito de Curitiba. Varela contou todos os prejuízos adquiridos através dos anos de ataques sofridos por parte dos Botocudo, principalmente a perda de animais, flechados constantemente. Narrou também a sua versão do episódio de 1913 que vitimou dois indígenas – versão muito semelhante a dos guerreiros e das mulheres Botocudo. Varela ainda contou que no ano de 1916 um agregado seu estava trabalhando em casa, quando, de repente, recebeu uma flechada, atingindo rente ao tórax e perfurando somente o braço esquerdo. Depois de prolongada palestra, quando notou que o fazendeiro desejava muito viver em paz com os indígenas, Hoerhann propôs ao homem um encontro com os temidos guerreiros, “visando travar um conhecimento de ambas as partes, para que assim, de uma vez para sempre, fossem banidas da memória as antigas causas de inimizade, estabelecendo-se, d’ora em diante, uma sincera e duradoura amizade.”⁶

5 Cf. *Ibidem*.

6 *Ibidem*.

Quando Hoerhann voltou às matas, logo encontrou o grupo indígena que o observava a pouca distância da fazenda. Transmitiu-lhes que Varella ansiava recebê-los em sua moradia, e assim foram convencidos em ir até o local; permaneceram no mato apenas os mais idosos e os mais desconfiados. Quando chegaram na fazenda, o anfitrião mandou trazer uma grande porção de charque, a qual foi distribuída aos indígenas pelo encarregado do Posto. Ao perceberem o clima de descontração, inúmeros Botocudo perderam a timidez e foram até o lugar onde receberam uma rés carneada. Hoerhann, satisfeitíssimo com o resultado da pacificação, concluiu em seu relatório:

Tornara-re o Snr. Varella, um bom amigo e grande admirador do nosso Serviço, imensamente grato pelo optimo resultado dos abnegados esforços não poupados pelo Encarregado, que, dest' arte lh' o tinha posto a salvo de grandes perigos e de mui consideraveis prejuizos, não só por esta occasião, como tambem para o futuro. O fazendeiro tambem Supprio ao Encarregado, com viveres necessarios, seguindo elle com os indios para o matto, encetando a longa penosa viagem de volta ao Plate. Após, nove e meio dias de longa e ardua viagem, conseguiu chegar o Encarregado, com o grupo de botocudos, ao acampamento do Posto.

Ficaram as innumeradas provas e esforços recompensados porem com o bello triumpho alcançado pelo nosso Serviço, que assim, mais uma vez, estabeleceu sincera e franca amizade onde só reinava o espirito de odio e de vingança seculares. Evitou-se deste modo, não só grandes prejuizos materiaes como tambem a perda inútil de vidas preciosas.⁷

A normalidade atingiu o Posto no mês de maio. Os indígenas participaram com admirável assiduidade e boa disposição ao labor até meados do corrente, quando houve uma nova manifestação do descontentamento por parte de alguns Botocudo. Através da experiência obtida nestes cinco anos de pacificação, está registrado nos relatórios,

7 Id. *Ibidem*.

que basta pedir aos indígenas para fazerem serviços com os quais não estavam habituados, é motivo para eles se refugiarem nas matas. Os Botocudos afirmaram que deveriam receber toda a colheita de milho, pois em sua concepção, somente eles colheriam o milho. Como não foram atendidos, tentaram a força retirar o milho do armazém, mas não foram bem sucedidos na investida. Depois muitos deles se esconderam no interior da mata e Hoerhann não interveio nesta atitude:

Sendo esta a melhor sahida, como sempre nestas emergencias, até hoje, deixou-os ir em paz o Encarregado pois, segurá-los no Posto, mesmo que isto se conseguisse, de nenhum proveito seria para o serviço, pois, não só os indios não trabalhariam, como ainda perturbariam o trabalho da turma, obrigando-a a estar sempre de sobre-aviso.

Julga o Encarregado ser esta a atitude mais prudente, porque depois de algum tempo de privações no matto, voltam os indios com melhores intenções para conosco, uma vez que novamente se convençam de que sómente no Posto, conseguem alimentação tão regular e facilmente. Será uma méra questão de tempo, que os fará finalmente compreender que, com más intenções nada conseguem, sendo para elles de muito maior conveniencia attender-nos em tudo ao em vez de perambularem pela floresta passando privações de toda especie.⁸

A partir dessa citação fica claro que o SPI catarinense possuía consciência do que estava fazendo. Isso no sentido dos seus idealistas acreditarem piamente em sua causa, incorporada pelo espírito missionário. Entediam eles que para os indígenas não havia outra saída para a sobrevivência, a não ser a assimilação dos novos valores acometidos para o processo de integração na sociedade brasileira.

Devido a sua doutrina⁹ positivista, o SPI teve mais dificuldades do que a Igreja cristã na conversão dos indígenas, pois descartava de seus

8 HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios**. Mês de maio. 1919.

9 Entendemos *doutrina* como conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político ou filosófico.

métodos o uso do sobrenatural. O cristianismo logrou sucesso em um determinado período de nossa história porque sua persuasão baseada na culpa, no sofrimento, na vida ordeira, na crença escatológica e na possibilidade de existência póstuma em um mundo perfeito, era muito mais eficiente do que a argumentação utilizada pelos líderes do SPI. Sugerir que a vida campestre seria mais vantajosa do que o tradicional nomadismo praticado por milênios, não era de fato uma tarefa simples. O que forçou os indígenas a abandonar seus costumes, gradativamente foi, conforme a análise anterior, a incerteza no futuro. O crescimento das colônias era irreversível.

Em julho, ainda em 1919, está presente no relatório, um acontecimento que pode ter desencadeado a demarcação das terras indígenas acontecida somente depois de sete anos: ocorreu na povoação de Hamônia uma exposição agrícola, na qual estava prevista a visita do governador do Estado Hercílio Pedro da Luz e seu alto escalão de funcionários. No relatório há a versão de que o governador não enxergava com bons olhos a atuação do SPI em Santa Catarina. Porém Hoerhann considerou ser o momento ideal para fazê-lo mudar de opinião e demonstrar-lhe o quão era importante definir a demarcação das terras para os indígenas, a fim de proporcionar maiores progressos econômicos ao Estado. Hoerhann então seguiu para a comunidade de Hamônia acompanhado por um grupo de cem Botocudo que seria apresentado ao governador. Porém, Hercílio Luz por razões maiores, foi impossibilitado de comparecer ao evento. Para representá-lo, seu secretário da Fazenda e Obras Públicas, Adolfo Konder, compareceu na ocasião.¹⁰

10 HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios**. Mês de julho, 1919.

Os indígenas foram acampados nas proximidades e todas as providências foram tomadas, a fim de evitar o descontentamento por parte dos mesmos. Adolfo Konder, Alfredo Luz (filho do governador), Henrique Lessa (juiz federal em Florianópolis), deputado Vitor Konder, alguns militares e demais funcionários com cargos de menor expressão, foram convidados para conhecer os indígenas. Em princípio, a impressão foi positiva por parte de todos os presentes, eles se interessaram pelos trabalhos de pacificação e também pela compleição física dos indígenas. Adolfo Konder deu sua opinião a esse respeito, que foi registrada por Eduardo Hoerhann:

Depois de uma exposição nitida e detalhada da actual situação dos índios botocudos e dos problemas a resolver, declarou o Snr. Dr. Secretario da Fazenda, que, tendo-se convencido, de visu, do enorme alcance da obra já feita e ainda por completar, envidaria todos os esforços, junto ao Snr. Dr. Governador, a fim de que seja dada uma solução urgente á doação de uma reserva de terras para os botocudos e de um maior auxilio estadual para os serviços no Posto Rio Plate.

Cumpre assinalar aqui, o facto quase incrível que até pessoas residentes neste Municipio, só depois de terem visto os indios, como declararam, se convenceram que realmente existem no Estado, grande numero de indios bravios, pacificados ha poucos annos pelo nosso Serviço.
11

O mais interessante do relato é a total desinformação por parte dos populares residentes nas províncias e cidades próximas ao Posto Plate. Para essas pessoas, os indígenas eram conhecidos apenas pela oralidade transmitida por seus ancestrais, foi impressionante para elas, constatar a continuidade da existência dos Botocudo nas redondezas de seu município. É possível pensar que os Botocudo durante o auge de seus ataques, concentravam-se apenas nos núcleos coloniais próximos de sua zona de nomadismo, não penetrando nos centros urbanos.

11 Ibidem.

Quando se espalhava a notícia de novas investidas aos fazendeiros, os habitantes das zonas urbanas provavelmente ignoravam a possibilidade de serem os indígenas os promotores. Pensavam que os Botocudo, há muito estavam extintos.

Através da leitura dos relatórios, acerca dos primeiros cinco anos da experiência de pacificação, é possível perceber a instabilidade comportamental dos indígenas. De acordo com o SPI, ainda era muito cedo para notar avanços de “civilidade.” Isso era uma tarefa, cujos resultados só seriam alcançados a longo prazo. A permanência dos indígenas no Posto oscilava entre cem a duzentos indivíduos nos anos de 1916 a 1919.

No próximo capítulo, descreveremos e analisaremos as atividades do SPI registradas nos relatórios de 1920 a 1926. Em 1926 aconteceu a criação oficial da Reserva Indígena Duque de Caxias.

O POSTO DUQUE DE CAXIAS PERANTE SUA DECADÊNCIA

Este último capítulo, assim como o anterior, foi baseado principalmente na utilização dos relatórios do SPI. Aqui veremos a continuidade dos serviços prestados pelo órgão em prol de sua ideologia e bem-estar dos indígenas, de 1920 à oficialização da Reserva Indígena Duque de Caxias ocorrida em 1926.

O SPI, de um modo geral, estava vivenciando uma de suas maiores crises, iniciada em 1915, devido à tentativa governamental de sanar suas dívidas internas. Sob essa condição, entidades consideradas menos importantes como é o caso do SPI, não recebiam o auxílio necessário para a sua manutenção, e os salários dos funcionários envolvidos sofriam amiúdes atrasos. Sem dinheiro, as promessas

utilizadas para a persuasão dos indígenas raramente eram cumpridas, o que acarretava o aumento da desconfiança sobre as boas intenções do Serviço.

Segundo o encarregado do posto indígena, o auxílio no plantio de feijão foi insignificante por parte dos Botocudo em janeiro de 1920, ocasionando no mês o não término da atividade. Mais digno de nota é que os auxiliares colocavam tantas sementes em tão poucas covas, que o encarregado se viu forçado a afastá-los da plantação: “boa parte de semente fôra inutilizada pelos índios, que procuraram ‘terminar mais depressa’ o plantio de que tinham sido encarregados.”¹² Os Botocudo não faziam questão de disfarçar a sua insatisfação em realizar qualquer labuta que não lhes agradasse, e usavam tal estratégia de embate a fim de ficarem livres dos afazeres nada estimulantes. Contudo, no mês de março eles se destacaram pelo seu prestável auxílio e, com isso receberam calorosos elogios:

Cumpra chamar especial atenção para o importante auxílio que os índios botocudos nos prestaram na colheita do milho e no seu transporte para os depósitos, muitas vezes, de consideráveis distancias.

Basta dizer que sem seu auxílio, não se poderiam realizar tão grandes colheitas em tempo tão diminuto, evitando-se deste modo quanto possível os danos ocasionados ao milho secco, nas roças, pelas maitacas e ratos. Os índios fazem do transporte de milho em grandes balaies, uma verdadeira prova de força e resistencia. Dotados que são de formidável força muscular e incrível resistencia, trabalhando além disto com vontade e alegria, estimulando um ao outro, fácil, é avaliar como neste penoso trabalho o seu auxílio é de grande vantagem pra nós. Os índios portaram-se optimamente durante este mez, nada havendo de anormal a registrar.¹³

12 HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios**. Mês de fevereiro. 1920.

13 Idem. Mês de março, 1920.

Nesta citação os indígenas auxiliaram, com alegria e disposição, promovendo o contentamento de Hoerhann. O encarregado possuía apenas uma linha de pensamento, direcionada para a disciplina e o trabalho, o que o impedia de compreender a dificuldade dos Botocudo em mudarem seus hábitos tradicionais para o ideal de evolução positivista. O ofício diário no Posto era pesado. Os funcionários não podiam sozinhos garantir o sustento de mais de trezentas pessoas. Quando os Botocudo eram mal sucedidos em suas tradicionais atividades como a caça e a coleta, buscavam alimentos no Posto, onde o encarregado quase sempre negava àqueles que não trabalhavam. Diante de promessas de melhores condições de vida, chegavam a um acordo, o qual era quebrado com o passar do tempo, geralmente porque o SPI, por carência de verbas, não pôde cumprir.

No mesmo mês, o governo estadual pretendeu comprar da Companhia Hanseática as terras que circundavam o Posto Plate (margem esquerda do rio Hercílio até a margem direita do rio Plate.). Mas, o preço sugerido por tal companhia ultrapassava em muito as condições dos cofres públicos. As terras já estavam sendo ocupadas e utilizadas pelo SPI, porém sofriam freqüentes ocupações de colonos recém-fixados. Fazia-se necessária a criação de um acordo para que esses acres se tornassem patrimônio do Estado, de modo que pudessem ser definidos e, assim, usufruídos pelo SPI. O posto indígena cada vez mais se encontrava cercado por núcleos coloniais, onde cada vez menos era tolerada a presença de indígenas “visitantes”. Esses, que em um período anterior perderam grandes porções de seu território tradicional pelas ocupações desenfreadas, estavam sofrendo uma redundância depois de aldeados.

No trecho do documento a seguir, vê-se a intenção do SPI em legalizar uma propriedade para os indígenas e conseguir firmar um acordo com a companhia colonizadora:

Acontece porem que tem actualmente o referido Posto dentro da area pertencente à citada Companhia, no angulo entre a margem esquerda do Plate na sua confluencia com o rio Hercilio e margem esquerda deste, em terreno fronteiriço a este, na margem direita e na mesma margem em areas fronteiras aos limites das culturas do Posto, a N.O. do mesmo, areas preparadas pelo nosso Serviço que calculo em 37.043 metros quadrados, dos quase 4.876 metros quadrados em pastagem, achando-se compreendidos nessa area diversas cercas, um estabulo tosco, mangueira para animaes e os ranchos dos indios botocudos; sendo que nessas pastagens, as unicas de que o Posto ali pode dispôr, e que se mantem a criação dos mesmos e onde se conserva o gado que deve ser abatido para a alimentação dos indios. Nessas condições penso indispensavel que esta Inspectoria procure entrar em algum accordo com a Directoria da referida Companhia Hanseatica no sentido de ser essa area já beneficiada pelo Serviço e que o mesmo tem installações e pastagens de que necessita, cedida ao mesmo, por compra; ou quando tal não seja possivel pela exorbitancia do preço pedido, então desapropriada por utilidade publica, mediante indemnisação por parte do Serviço; que, dada a pequena extenção de tal area, não importará em quantia consideravel.¹⁴

Não obstante, não eram só desgraças que pairavam no cotidiano do Posto Plate. O major Alípio Bandeira, grande conhecedor da causa indígena e dos trabalhos do SPI, visto que foi um de seus fundadores, visitou a localidade no mês de abril. Foi bem recebido pelos indígenas, pois muito conheciam seus feitos, recebeu por parte dos mesmos vários pedidos de roupas quentes e cobertores, dos quais tinham falta, para melhor suportarem o frio que estava próximo. Os Botocudo, assim como os indígenas em geral que entraram em contato com os

14 PAULA, J. **Carta a Eduardo Hoerhann.** 1920.

brancos, não possuíam resistência às doenças, das quais a gripe foi a que mais produziu vítimas de acordo com os registros estudados.¹⁵

Bandeira, antes de sua despedida confirmou mais de uma vez que cumpriria, dentro de suas possibilidades, todas as promessas feitas aos indígenas, e deixou clara também a ótima impressão que teve do Posto. Comprometeu-se em reportar à diretoria central todas as dificuldades que vivenciava o Posto Plate, entre outros, os trabalhos incompletos por falta de materiais adequados. Em menos de um mês, os utensílios e roupas prometidas pelo major Bandeira foram entregues pelo primeiro oficial da diretoria do Serviço, Humberto de Oliveira:

Veio ter novamente á Santa Catharina, depois de transcorridos tantos annos, trazendo grande quantidade de roupas e cobertores, que o Srn. Major Alipio Bandeira, verdadeiro e dedicado amigo dos indios, cumprindo tão promptamente as suas promessas, conseguira, obter para os indios deste Posto.

Permaneceu no Posto, até os primeiros dias deste mez, e grande foi a sua satisfação em vendo, pela primeira vez os indios que com tanto ardor quisera converter em amigos. Examinou depois, com mais vivo interesse todas as dependencias, plantações e colheitas, com prazer notou a progresso alcançado em um lapso de tempo relativamente curto conhecendo as difficuldades e obstaculos vencidos, cuja monta tão bem sabia avaliar de propria experiencia.¹⁶

A diminuição do número de óbitos no Posto devido a uma epidemia de gripe foi notada em poucos meses após a visita de Bandeira, devido aos cobertores e roupas recebidos. Agradecidos e sabendo da condição de militar do major Bandeira, considerado pelos Botocudo um guerreiro, “em homenagem a este facto, exhibiram entusiasticamente toda sua habilidade no manejo do arco e flecha.”¹⁷

15 Cf. HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios**. Mês de março. 1920.

16 Ibidem.

17 Ibidem. Mês de abril. 1920.

Um pequeno esforço movido pelo interesse e pela boa vontade de poucos fazia enorme diferença para os indígenas quase desamparados pelo Estado que promoveu o seu encontro em 1914. Alípio Bandeira, ex-aluno de Benjamin Constant, um dos maiores divulgadores do positivismo no Brasil, conseguiu pôr em prática um pouco de seu humanismo adquirido na Escola Militar do Rio de Janeiro:

Como já fôra dito ao Srn. Humberto de Oliveira, a remessa de roupas e de cobertores, não podia ter sido feita em ocasião mais propicia.

Não só os índios doentes, em primeiro lugar, como também todos os outros, poderão se proteger convenientemente contra os rigores do frio.

Contribuirá isto mui poderosamente, para que os doentes se restabeleçam e que os demais não se esponham ao resfriamento e conseqüentemente não sejam atacados de gripe.

A expectativa deprimente e a situação precária dos índios, ficaram melhoradas pelo modo mais eficaz possível.

Pedimos-vos portanto Srn. Doutor Inspector, que vós vos digneis transmittir á Dignissima Directoria e especialmente ao grande amigo do Posto, o illustre Srn. Major Alípio Bandeira, os nossos effusivos e mais sinceros agradecimentos em nome dos índios botocudos deste Posto.¹⁸

Alípio Bandeira não só promoveu a sua caridade no Posto Plate, como também nacionalizou seu nome ao mudá-lo para Posto Indígena Duque de Caxias, pois o patrono do Exército Brasileiro era conhecido, antes de tudo, como pacificador. Hoerhann acolheu de bom grado esta decisão, talvez por ele ser bisneto, pelo lado materno de Luís Alves de Lima e Silva:

Pedimos, pois, Srn. Doutor Inspector, vos digneis transmittir á D.D. Directoria do nosso Serviço, os mais sinceros e cordeaes agradecimentos do Encarregado do Posto Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, para o qual o nome do glorioso e inolvidavel Duque de Caxias, significa

18 Ibidem.

uma tão elevada e honrosa distincção, que sempre servirá, com todo o ardor, pela patriotica causa que esposou.¹⁹

Ações como a do major Bandeira, eram um dos poucos estímulos para se manter a ideologia de integração dos indígenas à sociedade urbana, promovida pelo governo federal, pois qualquer pedido feito à diretoria central levava meses para ser atendido, isso, na melhor das hipóteses. Em agosto há novamente a solicitação de um extintor para matar formigas, a qual já havia sido feita no final do ano anterior. A saúva era uma das piores pragas por causa de seu potencial de destruição às colheitas, e a cada ano notava-se o crescimento populacional do artrópode. O meio para diminuir a proliferação era rudimentar, consistia em matá-las com água fervida e através da queima dos formigueiros. Métodos ineficazes, pois os formigueiros considerados extintos em pouco tempo se restabeleciam.²⁰

Outro problema enfrentado pelo posto indígena, era a falta de pessoal especializado e disposto para trabalhar entre os indígenas, longe dos centros urbanos, receber pouco e sofrer com o freqüente atraso salarial:

Já de annos para cá, como vos foi communicado Snr. Doutor Inspector, lueta o Posto com a falta de trabalhadores. Falta esta cada vez mais accentuada, e que vem aggravando de dia para dia a situação. Só com os maiores sacrificios tem o Posto conseguido manter uma turma regular em acceitando simplesmente qualquer individuo que se presente. Nada mais claro, que, o operario que se submete á uma diaria inferior á que poderia receber em qualquer outro affazer, ainda esperando pelo seu dinheiro e vivendo afastado dos povoados, vae para o Posto, expor-se ao convivio de indios, visando única e exclusivamente, o ócio.

É evidente que pessoal desta ordem, não só é completamente inproveitavel como até directamente

19 HOERHANN, E. *Carta à Diretoria do SPI no Rio de Janeiro*, 1920.

20 Cf. Idem. *Relatório do Serviço de Proteção aos Índios*. Mês de agosto. 1920.

prejudicial em todos os sentidos. Não obstante todas estas circunstancias, tornou-se ainda imprescindível neste mez, elevar a diaria destes mesmos operarios, á Reis 3\$000, pois que, do contrario, o Posto teria ficado sem um unico trabalhador.²¹

Podemos notar que os baixos salários eram desestimulantes para o ingresso de novos trabalhadores no Posto, assim como também era desestimulante a distância dos centros urbanos e, principalmente, o convívio com indígenas. Hoerhann compreendia que essa não era uma tarefa para pessoas comuns, e via-se obrigado a aceitar dentro do Posto trabalhadores excluídos de outros empregos, devido à vadiagem e indisciplina. O encarregado sabia que muitos consideravam o trabalho do SPI na região como algo que deveria se remunerar muito bem, afinal, conviver com os Botocudo era de fato uma tarefa inusitada. A maioria daqueles que buscavam trabalho possuía preconceitos em trabalhar com os indígenas.

Em 1921, na mesma missiva citada, Hoerhann descreveu a decadente situação do Posto que há muitos anos estava sem auxílio governamental. Devido a isso, o Posto enfrentava grandes dificuldades financeiras e aproveitou para implorar à sede principal do SPI no Rio de Janeiro, por materiais, ferramentas, tratores, medicamentos, vestuário, etc. Sua meta, desde 1917, era cultivar arroz no local, o preço era caro demais. O cereal era muito apreciado pelos indígenas, indispensável na mesa dos funcionários, e seria de grande economia se houvesse a possibilidade de cultivá-lo no Posto. No entanto devido à necessidade da aquisição de tratores e outros materiais, não foi possível produzir esta cultura, pois necessitaria mobilizar todo o pessoal disponível para preparar os terrenos nas atividades de drenagem e nivelamento.²²

²¹ Ibidem. Mês de outubro. 1920.

²² Cf. HOERHANN, E. **Carta a Luiz...** Documento citado.

Outra situação absurda era a falta de um moinho, o que impossibilitava a produção necessária de fubá no Posto. Para o consumo interno, era preciso ao menos produzir nove sacos de fubá por semana e não havia condições para a compra do produto nas fazendas próximas. O moinho mais próximo localizava-se no Ribeirão do Kreutz, a trinta e três quilômetros do posto indígena, ou seja, a ida e a volta levavam dois dias de viagem, sendo que dez horas eram feitas de canoa, passando por corredeiras e rochedos do rio, e quatro horas de carroça. Três sacos de milho eram conduzidos de cada vez e fazia-se este trajeto três vezes por semana. Era necessária também, a mobilização de dois canoeiros contratados para essa atividade. Tudo isso poderia ser evitado com a implantação de um simples moinho, não muito caro, que promoveria uma grande economia para o SPI. Esses são exemplos resumidos das quinze páginas dos pedidos de Hoerhann para manter o funcionamento do Posto Indígena Duque de Caixas.

No trecho seguinte o encarregado deixou registrada sua desilusão ao perceber que a tarefa assumida não teria o êxito esperado, se o problema da ausência de verbas não fosse imediatamente resolvido:

A situação destes índios actualmente, pode ser nitidamente resumida em poucas palavras: impossível é que se continue exigindo dos botocudos se abstenham da pratica de assaltos aos civilizados, para saciarem a sua fome e conseguir roupa para o frio, negando-lhes não só todos os recursos para suppril-os com o que mais necessitam como ainda além disso, querel-os obrigar a um trabalho do qual ainda não têm ainda completa compreensão por estar inteiramente, fóra dos seus hábitos.²³

Hoerhann sempre esteve ciente, desde o seu engajamento no SPI, das dificuldades as quais iriam enfrentar. Sabia também que hábitos não se modificam de um dia para outro e, portanto, deixava

23 *Ibidem*.

claro em seus relatórios sua insatisfação pela demora em atingir sua meta. Por outro lado, culpava indiretamente o governo pela trivial falta de apoio, pois estava convicto que com mais verbas a sua disposição, poderia completar seu trabalho em um tempo reduzido. Hoerhann temia constantemente perder parte de sua tarefa alcançada, ao considerar que nesta época, ainda acreditava-se piamente que a integração era o melhor caminho para se evitar a extinção dos Botocudo. Um trabalho penoso para os reais idealistas do SPI e, principalmente, para os indígenas, pois como Hoerhann observou, a nova realidade estava inteiramente fora de seus hábitos tradicionais.

Um incidente ocorrido em março quase gerou uma chacina entre duas famílias de Botocudo, se não fosse a intervenção do encarregado. Com a falta de ranchos para comportar todos os indígenas, diversos grupos acamparam na orla do mato, próximos às pastagens do Posto. Um guerreiro atirou uma flecha para o alto e ela ficou presa no galho de uma enorme figueira. O guerreiro resolveu derrubar a árvore, que estava a uma pequena distância de uma das famílias acampadas, para reaver a sua arma. Equivocadamente, cortou o grosso tronco em ângulo contrário, permitindo que a árvore caísse com seus pesados galhos sobre várias pessoas. Apenas um jovem, Cuitá, foi atingido com gravidade. Cuitá perdeu os sentidos e teve o crânio fraturado em dois lugares, além de numerosas escoriações. Ele foi transportado para o Posto, sem muita esperança para a reversão do quadro. Frente a isso, o irmão de Cuitá tentou matar Córi, o descuidado lenhador. As famílias de Cuitá e Córi, que há tempos não nutriam simpatia entre si, entraram em conflito dispostas a entrar em um conflito sangrento. O encarregado conseguiu fazer com que as famílias mudassem de idéia, convencendo-as a perceber a imensa desgraça que acometeriam. Hoerhann separou-as para a execução das tarefas cotidianas do Posto. Com a recuperação de

Cuitá, no mês seguinte, as arestas entre os dois grupos cessaram, mas, por precaução elas foram mantidas trabalhando separadas uma da outra por mais de trinta dias.²⁴ Esse é mais um exemplo de que, apesar de ter se passado sete anos desde o primeiro contato pacífico com os Botocudo, a promoção da paz era constantemente requisitada: indígenas em atrito com regionais, com trabalhadores do SPI e com seu próprio povo.

(...continua).

24 Cf. HOERHANN, E. **Relatório do Serviço de Proteção aos Índios**. Meses de março e abril. 1921.



Correspondências de IMIGRANTES

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

Damos seqüência à publicação das correspondências recebidas por doação da Senhora Elise Stodieck. As mesmas fazem parte de um lote de quarenta e nove cartas trocadas entre os membros da família Gaertner. O imigrante Julius estabeleceu-se em Gaspar onde constituiu família e deixou descendentes.

Carta nº 8

Waldenburg, 27 de abril 1870.

Querido Julius, sua querida esposa e filha.

Passaram-se três anos e cinco dias desde que nos escreveu a última carta. Talvez seja culpa minha porque também não escrevi. Neste meio tempo a sua querida sogra nos escreveu, do contrário nada saberíamos sobre sua vida e condições em que vive e que você está casado. Tudo estaria em ordem se você nos tivesse escrito algo a este respeito. Desejamos a você e sua esposa, todos nós, a mãe, sua irmã Louise e Ewald que o bom Deus o abençoe, como também a sua esposa e a você em especial, já que se expõe a uma nova prova com este segundo casamento.

A sua irmã Louise mora agora com seu marido em Ober Waldenburg, eles tem ali uma casa comercial. Vendem tijolos, pedras e outros materiais de construção. O Ewald está há um ano vivendo em Liebau (Landeshuter Stones) como carpinteiro, como outro mortal qualquer. No ano passado estive com o senhor Schütz e Cia. Este ano trabalha livre da Cia., mas até agora ainda não tem nenhum compromisso.

No que se refere a minha condição de vida, eu e a mãe estamos com saúde e satisfeitos com o destino que o bom Deus reservou para nós. No que se refere a construções, ou melhor, fraude de construções aqui em Waldenburg, está quase em nada. A nossa entidade quer que se construa com os meios disponíveis de cada um, conforme quer e pode.

Tenho agora três construções em andamento na cidade e um edifício em concreto em Neuhain, o qual em fevereiro foi suspenso. Atualmente a situação vai correndo bem, e todos nós teríamos gostado de sua participação nestas obras. Quero assim agradecer pela fotografia que você nos enviou de sua esposa e toda a família. Esperamos em Deus que sua sogra ainda se tenha recuperado e esteja passando bem. Caso ela se encontre bem, lhe diga que uma certa Völke, em Reichenbach, há pouco tempo por acaso encontrou numa carta o nome de Ilona. E o que fazem a tia Rosemann e seus filhos? Em especial no que se refere a Auguste, Pauline, Carl e Fritzle, certamente todas elas já estão bem crescidas. Mas escreva-nos sobre o que fez com a serraria e o negócio. Você, quem sabe, já os transformou num moinho?

Você deve pensar: “Ele tem outra vez tantas perguntas e quer saber demais”. Mas você não deve se importar com o fato de eu querer saber de tudo o que se refere a sua pessoa. Eu queria propor a você que na sua próxima carta a sua sogra acrescentasse algumas palavras, assim todos ficariam contentes e veriam que ela estaria passando bem. Por isto a mãe e eu agradecemos com antecedência. A mãe e eu ainda moramos em nossa casa, na parte reconstruída depois que você partiu.

O ano passou relativamente bem, no que se refere a dinheiro, já sentimos uma certa melhora, mas o descontentamento continua. Em 16 de dezembro, entraram em greve cerca de 7.000 mineiros, que estiveram parados por mais de dois meses, mas também nada alcançaram desta

vez, a não ser que ninguém recebeu pagamento e as dívidas de cada um se acumularam mais ainda. Também estavam tomados pelo medo de serem despedidos, o que os deixava apavorados. Agora a direção está se reunindo para deliberar com que minas e quais os homens com que pretende ficar, mas cremos que dentro de pouco tempo todos outra vez estejam trabalhando, mesmo com todos estes altos e baixos e muita confusão.

Eu, filho de Deus, e minha mãe devemos ainda agradecer a Deus por estarmos com saúde, mesmo que ultimamente a mãe não se sinta muito bem, mas agora já está recuperada, pelo que agradeço a Deus. A Pauline Käster ainda continua solteira e não pode decidir se vai casar ou não, apesar de não terem faltado pretendentes. Também creio que ela soube algo sobre a guerra do Brasil com o Paraguai. Será que foi por isto? Você escreve em sua última carta, que caso eu viaje um dia a Breslau, procure saber algo da família Altenburg, sobre o paradeiro dos irmãos e a viúva do senhor Major Bergmann.

A respeito dela eu soube que logo se mudou quando a situação tornou-se perigosa, e que há mais de um ano não deu mais nenhuma notícia, mas procurarei saber algo mais de concreto.

Com alguns que eu sabia serem da esquerda, bati na porta, mas quando desconfiaram de que eu realmente não pertencia ao seu partido me vi mal, pois logo nos foi cortado todo o qualquer fornecimento e financiamento.

O que podia eu fazer? Fui indo bem mal até que por fim me dirigi à senhora Bergmann, mas a mesma estava viajando. Quando me informaram onde poderia encontrá-la, ela me disse que não tinha nenhuma força para mudar a minha situação. E agora ao escrever estas palavras, sei que não posso esperar nenhum apoio desta parte sobre minha situação, e mesmo que eu ainda o pudesse fazer, lamento dizer

que é perigoso demais procurar entrar em contato mais próximo com a família Altenburg.

Ainda consegui que o senhor E. Müller pagasse à mãe 1.345 marcos, e ele ainda quis que fossem descontados alguns pastos de fornecimento, com que tivemos que concordar. Finalmente pagou, com muita relutância. Eu também não consegui outra colocação a não ser que a mãe administrasse os negócios, e novamente voltei para Waldenburg.

Através do pastor Georg eu soube que, lá mesmo, em Huzog, que o filho de Müller namorava um das filhas, e eu enviei notícias a Müller, em Breslau, sobre o pretexto de regularizar um negócio, mas a verdade é que a menina que ele namorava ficara grávida e ele queria esquivar-se do compromisso. Felizmente este caso também foi resolvido satisfatoriamente e o velho Müller fez seu filho assumir toda responsabilidade, entregando à moça, como compensação, uma moradia em definitivo e o respectivo sustento para ela e o filho, proveniente da venda da fábrica ao senhor Alberti.

Agora termino esta carta, enviando a você muitos abraços e lembranças a todas, inclusive à senhora Rosemann e crianças, bem como a sua querida esposa.

Carta nº 9

Waldenburg, 20 março 1871.

Caro Julius!

Com esta envio-lhe, como você pediu em sua carta, uma resposta. Você não deve pensar que vou mandar-lhe o dinheiro todo. Pelo que você escreve em sua carta, precisa uma grande quantia, por quê? Isto você pode esclarecer-me em casa. Depois de receber esta pequena quantia, eu gostaria de saber se realmente recebeu o dinheiro.

Se agora se trata de um ou dois dias, por causa do exame, pode juntar o mesmo. Pode ser que a necessita para lá no novo local de trabalho. O Ewald já vai trabalhar em Waldenburg, o mesmo você também poderá fazer logo que voltar. Bem, isto foi o que tinha para escrever-lhe. Muitas lembranças de sua mamãe e irmão. De seu pai. Gärtner.

Carta nº 10

Waldenburg, 21 fevereiro 1878.

Querido Julius!

Com muita tristeza eu pego na pena para comunicar-lhe o falecimento de nossa querida e boa mãe. A mesma morreu dia 8 de fevereiro, às 3 horas da tarde, nos braços de Louise. No sábado, dia 2 de fevereiro, ela reclamou de fortes dores de estomago, mas mesmo assim ainda foi ao mercado para comprar o necessário para o próximo domingo. No domingo foi acometido de fortes vômitos e segunda-feira ela procurou o Dr. Schreiber que lhe receitou comprimidos, mas os vômitos ainda continuavam, até mais fortes do que antes, e ela só fazia o mais necessário já desde o dia 30 de janeiro. Na terça-feira ela procurou doutor o Langer, que também veio vê-la na 4ª feira de manhã e examinou-a novamente e ele nos disse que estas dores de estômago podiam ser algo de pior e que talvez ela teria que se submeter a uma operação em Luisburg, mas ele por ora fazia o que a medicina ordenava. Na 6ª feira, às 2 horas, Louise disse que a mãe apresentava uma língua muito inchada. Eu fui logo ao doutor, mas precisei esperar uma meia hora, e com a ida ainda a farmácia onde esperei mais tempo para o preparo da receita, cheguei só às 4 horas em casa onde Louise me esperava com as palavras: "Querido pai, a mãe não precisa mais de nada, ela morreu às 3 horas nos meus braços, ela já partiu para o além". Querido Julius,

não pode imaginar como ainda me sinto agora ao escrever-lhe tudo isto. Ao Ewald eu telegrafei, ele veio quinta-feira e ficou até sexta-feira, 11 horas, quando precisou voltar para casa. Se o Ewald pudesse ter ficado até 3 horas ele teria assistido ao falecimento da mãe. Ninguém mais de nós esteve presente nesta hora, a não ser Louise, mas creio que Deus o quis assim. O Ewald está um tanto confuso agora no que se refere aos negócios, talvez você possa ajudá-lo com alguns conselhos!

Eu também encontrei o Weichert com o filho, que está agora na América e estava aqui em visita. Os Weichert têm aqui um restaurante e também bastante dinheiro. Agora muitas lembranças a você, querido Julius, sua esposa e filhos, com o desejo de que encontre Louise bem de saúde e que você logo mande uma carta para seu pai que o ama. G. Gärtner.

Carta n° 11

Wüste Waltersdorf, 1° / 3/ 1878.

Querido Julius !

A sua amável carta de 16 maio de 1877 eu recebi e muito me alegrou, sabendo que todos vocês estão bem de saúde. No que se refere ao meu sonho, que eu havia morrido, o Senhor resolveu não tornar isto realidade. Deus atendeu meu pedido de não morrer antes de meus pais, para que pudesse cuidar deles. E como a você devo dar esta triste notícia, sem sentir uma profunda dor, aqui eu já cumpro esta triste missão. Na sexta-feira, dia 3 de fevereiro, a mãe adoeceu, ela sofria muito de reumatismo, levantou mais uma vez sábado e domingo, mas segunda-feira ela piorou. Isto escreveu o pai e eu logo me dirigi a Waldenburg e já encontrei minha mãe muito doente. No ano passado tinha surgido uma pequena hérnia, mas nós não entendêramos que isto

era tão grave e agora em consequência disto a mãe ficou tão doente. A fêrnia não cedeu e por fim inflamou. Querido Julius, foi muito triste ver nossa querida mãe sofrer tanto e não poder ajudá-la. Ela tanto pediu a paz, agora ela está em paz, ela morreu em meus braços. O pai tinha ido procurar mais uma vez o médico e neste meio tempo, de 2 às 3 horas da tarde, ela morreu. Meu coração quase partiu de dor, mas eu a segurei muito firme, e Deus teve piedade. Ela olhou mais uma vez para mim com seus queridos olhos que depois se apagaram. Foi um duro golpe para o pai, ele chorou muito e se lamentou, mas nada mudou os fatos.

Ela vai fazer muita falta. Sinto muito por nosso pai, já que posso estar com ele tão pouco tempo. Quando você em sua última carta escreveu e deu a entender que talvez viria mais uma vez para cá, ela ficou tão contente em poder vê-lo mais uma vez. Em morrer eu acho que ela ainda não pensava, nem tão pouco desejava isto.

Quantas vezes desejei ver nossos pais ainda descansar tranqüilos do seu trabalho. Na Páscoa de 77 o pai ocupou uma casa que ele tinha construindo e a comprou depois. É uma grande construção, com a parte dos fundos alugada. O pai tem muito aborrecimento com os aluguéis que não entram. As dependências estão quase todas ocupadas porque o pai não conserva o aluguel muito alto, ele mesmo ocupa uma dependência maior e fica perto do jardim dos Richterschn, ao lado da casa dos mesmos. Eu já sempre que preoquepei, com ele. O pai também já não é mais aquele moço e já no ano passado a mãe se preocupava muito e achava que o pai não mais se restabeleceria. Agora o coração está melhor, mas o derrame não ficará sem consequências. Ewald está preso em Liban, com sua própria casa e não tem a mínima vontade de se mudar para Waldenburg. Só peço a Deus que ele conserve o pai ainda por um ano, para que os negócios se restabeleçam e então, talvez, aparecerão outra vez compradores. Se você viesse para cá e pudesses

assumir os mesmos, seria muito bom. São duas grandes lojas, um galpão público grande, dependências das estrebarias com os cavalos de raça. A sua esposa logo encontraria velhos amigos, o senhor Kilian, de Reichenburg, a senhora Kilian esteve por muito tempo em Linden, com os pais de sua querida esposa e lá mesmo me pediu que transmitisse muitas lembranças a esta família Altenburg. Ele é peleteiro, e estão todos muito bem.

Querido Julius! Você quer uma fotografia dos pais? Uma de você e Selma o pai me mostrou, e eu me espantei muito. Você o esquece, querido Julius, mas você deve ter mudado muito. Isto talvez seja a culpa da própria terra, mas também emagreceu bastante. Eu ainda tenho a fotografia de quando você foi para a América. Eu tanto gostaria de ver você mais uma vez. E mesmo que você pareça hoje um pouco diferente do que há 16 anos passados, eu iria conhecer você logo outra vez.

Você enviou uma fotografia para a mamãe Augusta. E se você quer ser gentil, envie também uma fotografia para mim e eu pediria depois para mandar também uma de Rosamund e de Gustel com seu marido e depois de Karl e Fritz pelos quais o pai chorou tanto, e se lamentou, mas nada pôde ser mudado com isto.

Gostaria de saber se você tem uma fotografia da mamãe. Eu não sei se eu lhe enviei anteriormente uma foto dela. Ewald tem muitas preocupações, teve muitas perdas. Estes anos todos ele ia bem, muito trabalho, dinheiro lhe era oferecido de maneira que pôde fazer muita coisa, enquanto os negócios iam bem, não havia dificuldades, mas agora que tudo está no chão, geralmente não tem dinheiro para a recompra e precisa conseguir dinheiro e seu próprio ele perde, porque tudo ele não consegue recuperar.

O pai esteve neste mês três dias lá em cima e lamentou muito que Ewald agora não se interesse pelo negócio. Na quinta feira

à noite ele me ajudou a cuidar de nossa mãe. Ele também sentiu muito a morte dela. Ele e sua querida esposa ajudaram muito. Não deixavam passar um aniversário ou Natal sem presentear os pais. No último Natal eles receberam um presente e cartão, a mãe ficou muito feliz em receber todas estas lembranças. Os doces sempre agradaram muito a nossa mãe. Ela também conseguia sempre dormir bem.

A mãe sempre procurava escrever pessoalmente, ultimamente eu o fazia por ela. Esta segunda parte eu também escrevi junto com papai. Você, querido Julius, continue com saúde como até agora e receba lembranças minhas e também do meu marido. Sua irmã Louise.

Carta nº 12

Waldenburg, 10 setembro 1878.

Querido Julius, sua querida esposa e filhos!

Minha última carta você certamente já recebeu. A mesma lhe traz a notícia da morte de nossa querida mãe. Agora eu estou completamente só em minha grande casa, precisando carregar sozinho todas as preocupações e tristezas.

Quando de madrugada acordo na minha cama, pensando estar novamente em Standenberg, então tenho a certeza de que este é o desejo de Deus e tenho que suportar tudo com paciência. O que deduzi de suas cartas é que você recebeu o relatório que mandei sobre a venda.

Eu fiquei muito contente com a fotografia que você enviou com sua terceira esposa, só tenho o desejo vê-los mais uma vez, vivo, mas isto está nas mãos de Deus. Se você pudesse decidir a voltar! A fábrica ainda continua intacta, o que mostra a paz, e não pretendo fazer nenhuma venda de casas até sair deste momentâneo aperto, e só em

último caso. O resto vai bem, o negócio vai assim mais ou menos, não tenho nenhum carpinteiro trabalhando para mim.

Agora, voltando mais uma vez à fábrica, dentro de dois meses será feito um contrato em Wüste Gueisdorf, onde venderei aquelas dependências que correspondem às exigências da localidade. As outras menores na comunidade, não despertam tanto interesse para a compra, pois não há freguesia para as mercadorias, mas acontece que não há dinheiro para isto.

A fábrica foi colocada em funcionamento e todas as máquinas estão trabalhando. Anexo eu lhe envio um relatório e uma prestação de contas, do que foi gasto na montagem das máquinas. Pelo que vi até agora, pode-se viver confortavelmente com o rendimento da mesma. Realmente, nos primeiros tempos custa esforços chamar a freguesia. Eu aqui lhe dei um pequeno quadro sobre a atividade da fábrica. É também preciso constante atenção com os trabalhadores.

Querido Julius! Mais uma coisa sobre minhas finanças. Você já o sabe e as conhece de tempos passados, que sempre eu estava preocupado com você, para que na sua velhice não passe nenhuma necessidade, mas para isto existe agora a exigência de entregar-se totalmente a este trabalho, para que tudo se concretize e isto vai acontecer, disto eu tenho certeza. Também o Ewald já teve grandes prejuízos e precisa de ajuda, assim também Louise e seu marido. Louise ganha sua vida com a máquina de costura e as crianças estão vivendo assim ainda sem muitas preocupações.

Muitas lembranças minhas, de Ewald e Louise para você e sua querida esposa, e escreva-me tão logo assim que possa. A senhora cunhada com seus filhos está na casa da senhora Auguste. E mais uma vez agradeço pelas bonitas fotografias que enviou. Desejo-lhe todas as bênçãos de Deus e prosperidade a vocês. A todos vocês, e lógico, em

especial a você, meu querido Julius, desejo tudo de bom. Seu pai que o ama.

G. Gärtner.

Carta nº 13

16 setembro 1878.

Querida Auguste e seu prezado marido!

Muitas lembranças para você e seus entes queridos. Muito obrigada por sua atenção, fiquei muito contente e assim também ficaria a mamãe se ainda estivesse viva. Ela teve que ir tão rápido e deixar aqui o nosso velho pai. Já se passaram 31 semanas que ela passou muitas dificuldades e tristezas aqui. Como gostaria ter-lhe oferecido uma velhice tranqüila! Se eu tivesse esta força, quantas vezes pedi ao bom Deus que acontecesse assim! Mas que isto aconteceria tão depressa eu não imaginava.

Mas, estava previsto assim, talvez foi melhor. Tive a felicidade de passar os últimos dias junto de minha mãe e ver seus olhos, com os quais tantas vezes olhava para nós. Ela agora bem merece esta paz.

No entanto, sempre desejaria tê-la comigo ainda pelo menos por mais um ano. Eu moro somente quatro horas distante, e podíamos nos visitar freqüentemente. Uma 2 vezes mamãe veio a Waltersdorf para a festa infantil de Waltersdorf, e no meu aniversário dia 12 de janeiro. Era uma longa caminhada, a encontrava sempre no meio do caminho. E como eu ficava contente com estas suas visitas.

Na volta sempre descansávamos um pouco debaixo da árvore onde o seu querido pai quando menino, gostava também de sentar. Isto a mamãe me contava cada vez, e eu mesma sempre olhava para lá ao passar por ali, pensando então em seu querido pai. Quanto

tempo já passou e tanta coisa mudou. Nosso pai já sofreu muito, passou muitas noites em claro, sofrendo em silêncio, e agora está tão sozinho tão abandonado! Sempre vou visitá-lo todo mês, mas também só posso ficar um dia, e ele fica novamente só.

Querida Auguste, como estou contente que sua querida mãe está vivendo tão bem, ela o merece. Ela também passou por muitos dissabores. Seus irmãos Karl e Fritz estão bem de saúde? Desejo-lhes muitas felicidades e que não tenham que passar por tantos aborrecimentos.

No que se refere a nós, querida Auguste, estamos todos bem de saúde. Meu marido é encanador. Eu ainda costuro, senão teria muito pouco para fazer, já que não temos filhos. Nós tínhamos dois, mas morreram. Queria tanto ter ficado pelo menos com um, mas parece que tinha que ser assim. Meu marido é muito bom para mim e está sempre trabalhando para que possamos viver sem preocupação.

De Zigligsfriede posso escrever-te muito pouco. A casa do tio foi vendida várias vezes, mas continua com uma aparência simpática, e a mesma sempre desperta em nós velhas e queridas lembranças.

Querida Auguste, talvez você se lembre ainda do casal Snidelppen, que tinha três filhos, também como seu pai? O mais velho sempre ia buscar as cartas no armazém. Este mesmo é hoje o nosso dono da casa e barbeiro, e que é muito bom. Também trabalhou na fábrica.

E agora passe bem, continue com saúde e receba um abraço de sua prima Louise Grallert.

N.B. Muito obrigado pelas fotografias e diga o mesmo a seu marido.

Carta n° 14

16, setembro 1878.

Querido Julius! Querida cunhada!

Muitas lembranças para você e sua querida esposa, e também seus filhos, mais meus agradecimentos pelas fotografias. Quantas vezes eu já as olhei, principalmente a sua, colocando os seus queridos traços bem diante dos meus olhos. Você sempre foi tão bom para mim. Quando estive doente por tanto tempo, foi você que mandou chamar o médico e eu não pude compensá-lo por isto, mas o bom Deus o abençoou por isto e sempre agradeço a ele.

Minha querida mãezinha teve que batalhar com muitas preocupações por tanto tempo, sempre trabalhou para nós, e depois sim, ela se dedicou aos outros. Quantas vezes pedi a Deus que permitisse que nossos pais ainda tivessem uma velhice tranqüila. Mesmo doente como estava, a mãe continuava fazendo seus trabalhos domésticos.

Às vezes, quando meu tempo o permitia, eu ia até lá ajudá-la, mas isto também não acontecia sempre. Se eu tivesse imaginado que o seu mal fosse tão grave, teria ido vê-la mais vezes. Agora volto para lá a cada quatro semanas, vou domingo de manhã, fico até segunda ao meio dia, depois retorno para casa e o pai me acompanha um pouco no caminho. Ultimamente já não pode fazê-lo, pois sente muita falta de ar e freqüentemente precisa descansar. Querido Julius, os seus dias estão contados, e isto ele já disse, que neste ano suas forças estão visivelmente desaparecendo. Se a casa pudesse ser vendida agora, eu levaria o pai para morar comigo, pois gostaria de lhe oferecer alguns dias mais tranqüilos e também poderia cuidar dele em caso de doença.

Querido Julius, no dia 9 de setembro o moinho queimou totalmente. O atual proprietário se chama Süssmuth, o fogo começou às duas horas da madrugada e todos estavam dormindo. O gado leiteiro

pôde ser salvo e logo foi levado a um riacho próximo, mas do resto nada pôde ser salvo. O fogo também se alastrou para a residência que também queimou. O atual proprietário fez muitas renovações, a parte da frente ele preparou como grande salão de dança. Quando se olhava pela porta da frente parecia que se olhava para dentro de uma fornalha. Dizem que tudo estava no seguro por 5 ou 6 mil, de maneira que na desgraça ainda teve sorte, pois pelo menos as 8 crianças estão salvas da miséria. O senhor Ernest Kilian manda muitas lembranças ao seu cunhado, o senhor Altenburg. Ele está contente com a provável visita do senhor Altenburg aqui, e logo que o senhor Kilian souber de sua chegada ele irá ao seu encontro.

Agora, meu querido Julius, passe bem, escreva-nos como está de saúde agora e quando vier para cá, eu gostaria tanto de abraçá-lo mais uma vez, bem como toda a sua família, porém esperemos que Deus o permita.

Sua irmã Louise.

Carta nº 15

Lieban, 10 maio 1887.

Senhor diretor administrador Thiel !

Waldenburg.

Infelizmente não posso lhe informar muita coisa. Sua carta de 20 do mês passado chegou. Eu estive doente até agora, com reumatismo nos joelhos e nas mãos, o que me impossibilitou de escrever até este momento. Os herdeiros do meu falecido pai são, além de mim, minha irmã Luise, senhora Grallert em Wüste – Waltersdorf, e para esta eu escrevi e a mesma respondeu, que do lado dela não haveria empecilho nenhum. O irmão Julius, infelizmente, está no Brasil. A ele também

escrevi, mas até o momento não obtive resposta. O recibo a mim pedido e a minha irmã o senhor receberá sem problema, mas como chegar ao de meu irmão eu sinceramente não sei. Quem sabe o advogado do mesmo pode informá-lo. Mais uma vez peço que me desculpe a demora desta carta, meus irmãos igualmente esperaram muito tempo por uma carta minha.

Respeitosamente

E. Gärtner.

Carta nº 16

São Paulo, 8 de maio 1896.

Querida Selma e Julius!

Como vão vocês? Espero que estejam todos bem. Conheço isto não acontece. Meu marido esteve muito tempo doente, tossia muito e nos últimos tempos piorou muito, tossia demais e lhe faltava o ar, isto é uma situação terrível. Ele sempre dizia: Das coisas uma, ou melhorar de uma vez, e se isto não fosse possível, melhor morrer. Seu desejo se realizou, ele faleceu dia 19 de abril, agora descansa em paz de seus males. Nós teríamos gostado que ele ainda vivesse, mas teria que ficar bom. Sempre doente e ter dores isto era terrível. A senhora Biern, nata Louise Wagner, nos visitou com sua filha mais velha e ela me contou alguma coisa da velha pátria. Ela me contou que Milchen tem um pequeno filho. Eu me congratulo pelo netinho. Como vai o Ewald com sua jovem esposa? Eu ouvi dizer que o Ewald mora em Gaspar, talvez bem perto de vocês. É triste saber que seu irmão também perdeu a segunda esposa. Eu não o sabia, Louise me contou. Ela deixou tantas crianças pequenas! Isto deve ser terrível.

Carta n ° 17

Potsdam, 26 fevereiro 1897.

Meu querido tio!

Por sua carta de abril do ano passado muito agradeço. Eu realmente fiquei muito contente, pois já não mais esperava qualquer resposta, pois papai disse que a tia Louise escreveu que você não é dado a escrever e o que você mesmo confessou. Mas agora a carta veio e agora vou me apressar a respondê-la, pois eu gosto sempre de conversar com pessoas estranhas, principalmente imigrantes e me interessa mesmo muito entrar em correspondência com eles. Também acho que conheço um pouco as pessoas e gosto de analisar bem as pessoas. Assim pude, por exemplo, descrever detalhadamente a sua pessoa e o resultado foi bem vantajoso. Imaginava você numa pequena cidade, cuja descrição seria deficiente, pois seria difícil fazê-lo sem que houvesse uma correspondência. Com ela se pode fazer um quadro mais exato. Ao mesmo tempo a primeira carta não é a decisiva, apesar que se diga que a primeira impressão é que vale e permanente. Por ora acho que o conheço bem, apesar de nunca tê-lo visto.

Mas voltando a sua carta, nela você descreve as condições de lá, de acordo com sua opinião, como muito sadio. Infelizmente devo confessar, que isto para mim continua sendo muito pouco, mas eu acrescentei o restante mentalmente e também tive bastante impulso para isto. Depois disto cheguei ao meu resultado: para mim a viagem para o Brasil não se apresentou convidativo. Talvez devido a descrição da sua viagem, ficou então bem claro para mim, e tudo isto não é capaz de me dissuadir da minha idéia, mesmo a sua descrição de vida que relata em sua carta me mostra o contrário do que encontrou. Através desta sua vida tão atribulada, que me agrada, tiozinho, apesar de querer

concordar, você em diversas situações da vida também não estava muito satisfeito. Mas tudo isto também não me impediria de continuar, pois se eu uma vez tomei uma decisão, uma idéia fixa, tão cedo não largo da mesma. Tudo é bem pensado e analisado (isto eu talvez imagino), pois até esta data eu ainda não dei um só passo do qual hoje me pudesse arrepender. Você vai rir de mim ou chamar-me de egoísta ou até louco, que já viveu não sei o que, mas você pode crer, eu não sou uma nem outra coisa. Eu ainda vi muito pouco até hoje, mas o que não é ainda pode ser no futuro, a esperança continua. Em sua carta você descreve a infelicidade de alguns dos imigrantes com esta anotação: “aquele que vem para cá com alguns 20 mil marcos, tem logo, devido ao cambio trazido consigo, uma fortuna. Em caso contrário é muito triste”. O tio me perguntou como é que está a minha situação financeira? Meu querido tio, eu preciso confessar a esta pergunta direta, que não estou aborrecido e pronto a respondê-la. Eu em verdade não tenho tanta fortuna como os turcos têm dívidas, mas no momento tantas dívidas como fortuna. Se eu subtraísse os primeiros dos últimos, talvez sobrasse tanto para pagar a viagem de Berlim até Rio de Janeiro. Eu talvez então chegaria lá da mesma forma como você naquela época. Um Julius se parece com outro, portanto não sei porque teria uma vantagem com você. Agora também quero comunicar a você a minha decisão. Eu, por enquanto transferi esta minha viagem “extra”, como meu pai a chama, mas, titio, transferir não quer dizer desistir. E os motivos você vai saber agora. Quando recebi a sua carta, a primeira coisa que fiz, foi procurar meu chefe e pedir a minha demissão do emprego, Eu queria ir ao Brasil. Ele me olhou muito surpreso e disse: “Você ficou louco?” Eu respondi: “Não”. Mas o que não é, ainda pode ser. No mesmo dia, no mesmo lugar escrevi para meus pais. A resposta veio em seguida, e era mais ou menos a mesma que a do meu chefe. Meu pai ainda recomendou-me

procurar um médico, pois na opinião dele eu deveria melhor fazer uma viagem para Dalldorf do que para o Brasil (Em Dalldorf se encontra o maior sanatório de loucos na Alemanha). Nos próximos 4 dias ainda recebi mais 12 cartas de Lieban, de parentes e amigos, que antes também se tinham importado comigo e para me prevenir amigavelmente da viagem para o Brasil, com o conselho: “Fica na pátria e sustenta-te honestamente”. Eu durante 6 anos não dependi deles e espero que mais tarde também possa continuar assim, e escreverei isto também a eles se resolver responder as cartas. Eu acredito que não farão mais nada, além disto também não pedi nenhum conselho a eles. Mas meu pai esteve nesta época em Liban, e ali as tias e a vovó leram minha carta e não demorou muito então e a cidade toda sabia do caso. E acredite, tiozinho, que foi você que teve voz ativa no meu plano e queria provar a todos e, de teimoso, empreender a viagem, eu então escrevi isto a meus pais. E como resposta recebi uma tremenda repreensão de meu pai como nunca tinha recebido, e a mãe também escreveu pedindo, não, implorando, de por enquanto deixar esta idéia de lado. Agora, titio, pense de mim o que quiser, creia-me um filho mimado ou algo parecido, mas eu não sou nada disto. Mas o desejo de meus pais é sagrado para mim, e se minha mãe pede, então não posso resistir, e foi então que me curvei aos desejos de meus pais e estou longe aqui e não lá com você. Por ora resolvi continuar aqui por mais um ano, e este termina em setembro deste ano. Mas então não vou comprometer-me outra vez, se alguma coisa então acontecer e tentar impedir minha viagem, ou se me atacar a febre da viagem, então nem dez cavalos me impedirão de empreender a viagem, então eu venho. Anexo envio uma fotografia. A próxima será por ocasião do meu embarque e então ao compará-las, verá que são parecidas e logo me entenderá.

Bem, meu querido tio, por esta vez terminei. Meus pais e tia Louise enviam lembranças. Mudanças com eles não aconteceram. A você, querido tio, peço que me escreva outra vez, mas não cobrando colher a colher, como eu o fiz e esperar por uma resposta. No caso de não encontrar tempo para isto, então talvez haja um meio para você, através de uma de minhas primas, e a estas peço: “Vocês, queridas e bonitas meninas, me dirijo a todas. Quem de vocês me faria este favor? Eu prometo em agradecimento, na minha próxima carta, enviar um grande retrato da minha vida que me representa como ‘Berliner Gigerl’, mas naturalmente só quando solicitado. Quem de vocês gostaria de ganhar este prêmio?”.

Agora basta, receba muitas lembranças, minha bonitinha tia Selma e todas vocês, minhas primas e primos, mas em especial abraço-o meu tio.

Seu sobrinho Julius Gärtner
Potsdam.



Entrevista **FREI WILSON STEINER**

ENTREVISTA

Nesta edição, publica-se a transcrição da entrevista concedida em 12/03/1982 ao Programa Censura Livre dos jornalistas Luiz Antonio Soares e Danilo Gomes sendo o entrevistado o Frei Wilson Steiner que era na época Diretor do Colégio Franciscano Santo Antônio atualmente denominado Colégio Bom Jesus Santo Antônio. A transcrição do K7 foi realizada pelos acadêmicos do Centro de Memória e Pesquisa – CEMOP do Curso de História da FURB Raquel Branbilla e Jonathan Gaulhe.

L.A.S. – Nosso entrevistado de hoje é o Frei Wilson Steiner, natural de Criciúma, mas residindo em Blumenau há muitos anos e é o diretor do Colégio Franciscano Santo Antônio. Frei Wilson, como é que o senhor consegue, numa fase tão difícil para a educação brasileira, manter os mesmos padrões e o mesmo nível do centenário Colégio Santo Antônio que continua trazendo para a educação do município de Blumenau um modelo que é até seguido por outras instituições de ensino? Como é possível fazer isso?

W.S. – Eu queria primeiro dizer, Danilo e Luiz, que eu não sou candidato à coisa nenhuma, mas dizer da minha satisfação em estar aqui no alto dos estúdios da Rádio Blumenau e mandar o meu bom dia a essa cidade que me acolheu há 17 anos, e aqui do alto no meio dessa neblina da manhã que se levanta e na medida que os operários vão se levantando, os comerciários vão se levantando, os ônibus vão enchendo as ruas e a rua se enche de trepidação, de movimento, de

barulho, de atividade, de serviço, de trabalho, de seriedade, queria dizer o meu muito bom dia a esta cidade que também já é minha. Respondendo a sua pergunta, isso não é um trabalho meu. Parece-me que isso deva ser dado à filosofia que o Colégio com 105 anos de tradição, com 105 anos de idade adulta, com 105 anos de idade velha, sábia, com 105 anos de idade moça, de adolescente, com 105 anos de idade criança, continua acreditando naquilo que se propôs um dia como objetivo e como uma vocação. A grande idéia que sempre ficou como objetivo mais importante é estar a serviço da comunidade, a serviço da pessoa humana e a serviço do adolescente.

D.G. – O nível da educação brasileira, como o senhor vê?

W.S. – Dizem os entendidos que o nível baixou. A quem se deve a culpa? Talvez devêssemos fazer um exame de consciência nacional. Baixou, não sei se é por causa das expectativas, se é por causa do nível das esperanças ou se deva isso a uma posição verticalista da educação. As coisas vêm todas muito dirigidas, no meu modo de entender, as coisas vêm muito prontas no meu modo de ver, o mesmo esquema, o mesmo trabalho, o mesmo currículo de Oiapoque ao Chuí. Não vejo ali dentro grandes aspirações para ousar coisas diferentes, para criar. Parece-me que deva ser feita uma revisão muito séria quanto a uma filosofia de educação.

L.A.S. – O senhor vê, é fácil de constatar isso, nos últimos 20 anos a evolução em todos os segmentos da sociedade é uma realidade. O automóvel há 10 anos não tinha os recursos que

tem o automóvel de hoje, a medicina evoluiu a um ponto de nós, homens, termos até a possibilidade de transplante de coração e uma série de cirurgias que, antigamente, se alguém falasse nelas iriam dizer que era um milagre. A engenharia desenvolveu-se de tal forma que hoje nós encontramos obras gigantes que fogem até aos limites da avaliação humana, de como é que o homem conseguiu chegar a fazer o que está fazendo, as experiências espaciais, descobertas na área da ciência expressam claramente que o homem evoluiu em quase tudo, em quase todos os segmentos. Até no esporte, os atletas de hoje conseguem melhores índices que os atletas de antigamente, faz-se melhor preparo, há uma melhor estrutura e essa coisa toda. Por que a educação regrediu? Alguma coisa houve, alguma falha grave ocorreu neste período entre a chamada velha e a chamada nova escola.

W.S. — Talvez essa análise deva ser feita de uma maneira bem mais profunda. Se nós enxergamos isso hoje, não são dados meus, que o poder está na mão de 1% dos que são muito ricos e os setores intermediários, 4%, são bastante ricos. Se a classe subalterna de 15% são remediados, se os meio pobres desse país são 30%, isso significa que nós temos muitos pobres nesse país, 50%. Se nós sabemos, através de dados, que o próprio Ministério nos mostra que de 2 milhões e pouco de crianças que deveriam estar entrando na escola, apenas 1 milhão e 300 conseguem chegar a essa escola e que já no final do 1º ano, 818 mil já não estão mais na escola e nós vamos ver que exatamente toda esta faixa, daquela esperança, daquela força é obstada, é anulada de saída. Nós sabemos

que exatamente essa grande massa faz parte desse 50% que não tem os meios necessários para sobreviver. Nós devemos isto a um problema bem mais sério, que é um problema de ordem social e de ordem econômica.

D.G. – O senhor falou aqui no início sobre uma revisão quanto à filosofia da educação brasileira. Vamos ver se a gente consegue sintetizar qual seria a sua idéia para a educação brasileira, o que o senhor preconizaria nesta revisão? Por exemplo, aprovação automática, queda da aprovação automática, ensino profissionalizante de 2º grau, enfim, qual é a sua teoria a respeito?

W.S. – Olha, no momento em que você coloca o homem como centro, como centro de todas as atenções, no social, no econômico, no cultural, na medida em que esses problemas que nós estamos percebendo se avolumam, na medida em que isso começa a imperar em toda a mecânica de assistemática do próprio ensino, então deveria ser uma política, uma filosofia de ensino de se investir mais nessa realidade da pessoa humana. O ensino profissionalizante, que foi preconizado pela lei 5692, hoje está numa revisão. Ela provavelmente deve cair como obrigação. Isso não significa que a profissionalização não deva continuar, mas que se centre mais sobre o homem, a sua educação integral, não apenas na parte da instrução, mas que faça o homem sentir-se mais gente, de poder ter acesso aos bens básicos, ou seja, casa, moradia, salário condizente, direito ao trabalho, direito ao ensino e à educação. Que fosse centrado com mais força

sobre essa verdade, essa verdade significa empatar, investir mais na educação, talvez seja isso.

D.G. – Seria uma revisão orçamentária do Governo Federal, vamos começar por aí.

W.S. – Não sou economista.

D.G. – Mas o que o senhor está dizendo, em outras palavras, é isso.

W.S. – É. Eu me preocupo com a educação e centro toda a força no homem como centro das preocupações nacionais.

L.A.S. – Eu sempre me refiro à velha escola porque os grandes homens desse país se formaram na velha escola. Muito pouca gente da chamada nova escola está se destacando aí, essa é que é a grande verdade. Os próprios universitários são os primeiros a reconhecer, e chegam a fazer até greve para melhoria do ensino, que não estão aprendendo quase nada na Universidade, num processo que já vem degradado desde os primeiros anos escolares. Na velha escola, a coisa funcionava assim: a criança entrava no curso primário levado pelas mãos dos pais, aí começava a aprender a escrever, a ler devagarzinho, terminava o primário. E para entrar no antigo ginásio tinha que fazer o exame de admissão, e se não passasse no exame de admissão ele ficava ali um ano para se preparar para entrar no ginásio. Aí ele entrava no ginásio. Chegava à segunda série e daí começava latim, inglês, francês, português, mas tudo no duro. Português no duro, inglês no duro. Quando ele saía do ginásio já tinha uma

formação muito boa e ele ia escolher: “Eu vou ser contador” e ia para o curso de contabilidade. Outro já pensava: “Eu quero seguir, vou em frente, vou fazer o curso clássico, vou fazer o científico e tal”. Antes de entrar na Universidade ele ia fazer o vestibular, mas o vestibular era uma dureza. Eu tive um amigo, por exemplo, um rapaz inteligente, ele fez 6 tentativas para ingressar na Faculdade de Medicina, 6 porque o vestibular era duro. Na redação, o cidadão tinha que chegar lá e redigir mesmo. Os professores corrigiam redação por redação e isso, aliás, em todo o currículo escolar. Hoje a coisa não está muito simplificada? O professor não está muito acomodado? É tudo na base da cruzinha, na base da chapona, passa no mimeógrafo uma prova, o professor chega ali e põe aquela chapona em cima. Tem aqueles furinhos.

- D.G.** – Eu quero colocar um elemento aí na sua composição que se chama explosão demográfica. Isso também tem muito a ver ou não?
- L.A.S.** – Não se colocou muita técnica num problema que é muito mais humano do que técnico, como o senhor bem posicionou aí?
- W.S.** – Posso falar mais dentro da vivência, da experiência que nós temos. Se falarmos em rendimento, eficiência, talvez não seja esta a única e a principal preocupação. Podemos dizer isso com alegria para a comunidade, com satisfação, que nós colocamos este ano mais de 80% no vestibular. Significa então que a velha escola que há 106 anos, 105 anos, tinha os seus métodos e muito daquilo que se aprendeu com

sabedoria e com experiência ao longo desse tempo continua sendo válido hoje ainda. É evidente que se vai, dentro do possível, aproveitando tudo aquilo que a técnica e a ciência nos proporcionaram. Então se temos hoje laboratórios em dia, de física, de biologia e de química, se mantemos um corpo docente não apenas para as aulas teóricas, isso significa dar instrução. Colocamos professor nas áreas mais difíceis, professores em tempo integral onde o aluno possa vir tirar as suas dúvidas, receber orientação, receber a pista, receber o caminho. O professor não é apenas aquele que ensina. O professor deve ser mais do que tudo um educador, um pedagogo, aquele que está junto, perto, ao lado, debruçado sobre, acompanhando, não dando as soluções, mas dando as pistas para que ele mesmo, o aluno seja devagarzinho espicaçado, provocado, sinta no fundo da garganta o gosto pela coisa, que seja capaz de vencer pela descoberta que ele faz, despertando nele aquele sentido da pesquisa, da análise, da teimosia em cima do problema. Estamos tentando fazer aquilo que você está dizendo, aplicado aos tempos de hoje, com situações que, dentro de nossas possibilidades, o Colégio Santo Antonio pode oferecer.

D.G. – No Colégio Santo Antonio ainda se puxa a orelha?

W.S. – Não.

D.G. – E se um professor puxar?

W.S. – Aí normalmente o aluno vem reclamar comigo, eu vou ver se realmente a orelha está vermelha e depois a gente conversa

com o professor. Não se faz mais isso não, já passou esse tempo. Hoje o professor é muito mais companheiro, muito mais amigo, muito mais irmão mais velho, é muito mais aquele que está junto com. A grande preocupação nossa em função da Campanha da Fraternidade, temos passado uma semana refletindo profundamente sobre as nossas posições, não de professor, mas de educador. Então esse será o ano dentro do Santo Antônio, nessa perspectiva grande de fazer do próprio aluno o sujeito do seu desenvolvimento.

D.G. – Quantos alunos tem hoje o Colégio Franciscano Santo Antônio?

W.S. – Até ontem à noite eram 1980.

D.G. – Quais os cursos que funcionam?

W.S. – Jardim, pré-primário, 1º grau, 2º grau e habilitação básica em química que nós continuamos teimando em chamar de científico, e à noite curso técnico de contabilidade.

L.A.S. – A habilitação básica em química é profissionalizante ou não?

W.S. – Ela é profissionalizante, é uma opção intermediária. Nós fomos o último colégio a aceitar a profissionalização, dando bastante dor de cabeça a nossa Secretaria de Educação em relação ao que nós acreditávamos, dentro de nossa clientela, dentro do nosso meio, dentro daquilo que procurávamos, que era a preparação para o curso superior. Então nós teimamos e continuamos persistindo no científico. A educação básica em química vai receber um reforço bem maior em carga, de

laboratório, deixando o aluno habilitado para um emprego em qualquer laboratório químico, médico ou de farmácia.

L.A.S. – Mas sem perder aquele horizonte que é levá-lo a fazer um bom vestibular.

D.G. – Voltando ao vestibular, o senhor disse que o Santo Antônio aprovou 80% dos seus alunos que prestaram vestibular neste ano, é isso?

W.S. – Sim.

L.A.S. – O senhor falou, o senhor deu mais ou menos aí qual é a filosofia do Colégio Santo Antônio. Parece que a filosofia, se não for a ideal, pelo menos ela está dando mostra de que traz bons resultados, se aproxima bastante daquilo que nós imaginamos como escola ideal. O senhor, como educador há tantos anos, diretor, dirigente de escola particular, como é que o senhor vê a possibilidade de poder adequar essa mesma filosofia na escola pública? O que o governo precisaria fazer para poder adequar o modelo do tipo do Colégio Santo Antônio para as suas escolas públicas, para os seus colégios públicos?

W.S. – É uma pergunta muito difícil e eu não gostaria de ser nesse momento alguém que dá lição e muito menos querer influir na filosofia e nas metas que as escolas se propõem. Eu sei que a atual Secretaria, os atuais integrantes do corpo de reflexão da pesquisa da realidade catarinense estão vivamente interessados que isso aconteça. Há dentro da Secretaria de Educação um corpo de pedagogos e de técnicos que se

preocupam bastante nesse sentido. Eu não me arriscaria a dar conselho a ninguém.

D.G. – Eu acho que não se trata de um conselho, Frei Wilson.

L.A.S. – É uma contribuição, porque a gente sente que embora o Governo, em todos os níveis, cometa verdadeiros absurdos, formando gente despreparada, colocando até gente sem nenhuma experiência na área da educação para às vezes, dirigir determinados segmentos da educação. Mas a gente tem percebido por outro lado, seria injustiça não reconhecer, que existe algum esforço, alguma tentativa, e parece que as coisas não vão, não seguem aquela linha esperada e aguardada, não alcançam aqueles objetivos. O senhor acha, por exemplo, que o problema de melhorar o salário do professor melhoraria a qualidade do ensino?

W.S. – Qualquer profissional que estiver na sua área de atuação, não estiver numa tranqüilidade financeira, que lhe dê tranqüilidade o bastante para que a sua família não passe necessidades, certamente terá conflitos. O ideal é que o educador possa se debruçar sobre a grande matéria do ensino, fazer acontecer dentro de uma criança, para que ele possa se dedicar da maneira mais integral possível a toda a realidade humana, de ver no aluno não apenas aquele que não aprende a matemática, se sabe ou não sabe história ou geografia, mas é aquela criatura que dentro de toda aquela gama rica, complexa e misteriosa da trama humana que tem os seus problemas, os seus anseios, as suas angústias, muitas vezes não tendo nem a alimentação adequada, tendo

vivido talvez uma noite de insônia, uma discussão familiar ou faltando harmonia dentro dessa casa. Tendo embarcado no ônibus com aquele dinheirinho contado que deu apenas o suficiente para que ele vá e volte. Se pudesse se preocupar mais seriamente com essa coisa mais importante que é a criança, o pedagogo, o educador, não digo apenas o professor, mas o educador pudesse adentrar por entre esse mistério e solucionar talvez primeiro esse problema, mais fundamental, para que ele tenha melhores condições até de saúde somática. Não estou nem dizendo saúde emocional e psíquica, ser assim algo que possa voltar a explodir com mais eficiência, com mais globalidade com mais gosto, com mais gana, com mais perspectiva dentro daquilo que ele sonha, ou que a sociedade espera que seja na profissão que ele vai exercer.

D.G. – A mim me pareceu sempre que a diferença fundamental entre o ensino público e o ensino particular, além desses motivos que o senhor já citou aí, está também um outro motivo que eu entendo como fundamental. Por exemplo, no ensino público, o programa do 1º ano do 2º grau é bem semelhante, é igual ao do ensino particular. Parece-me que há uma falta de fiscalização. Os professores do ensino público, existem várias exceções é claro, não seguem esse programa, pelo menos com o rigor que este programa é seguido numa escola particular onde o policiamento é maior. Estou errado?

W.S. – Eu não diria policiamento, digo conscientização.

- D.G.** – É, o policiamento chega a ser meio forte.
- W.S.** - Nós temos um grupo conscientizado, um grupo de educadores que puxa para a mesma corda e para a mesma causa, onde todo docente é responsável por um objetivo, por uma filosofia de educação, e a partir daquele momento as coisas começam a acontecer com mais facilidade porque haverá entusiasmo, haverá empenho e não se descansa enquanto o problema não estiver solucionado.
- L.A.S.** – Mas o problema todo, me parece também estar muito vinculado a uma carência de cobertura das necessidades mínimas do professor como ser humano, porque em todo esse processo de educação o homem tem que estar acima de tudo. Se o cidadão vai dar a sua aula pensando que o salário que ele está recebendo não vai conseguir suprir as suas necessidades mínimas para o sustento de sua família, ou para cobrir razoavelmente essas necessidades, ele é obrigado a dar aula de manhã, à tarde e à noite. Neste caso a qualidade do ensino realmente vai para as cucuias. Essa é a grande vantagem que eu vejo num colégio particular, numa escola particular, ela paga melhor.
- D.G.** – Espera aí, mas o problema é o seguinte: No Colégio Franciscano Santo Antônio também há professores, o Frei Wilson pode confirmar, que lecionam de manhã no Santo Antônio, à tarde no Pedro II e à noite ainda num outro local. Ocorre isso ou não?
- W.S.** – Diversos.

- D.G.** – Não é fácil. Agora, no Santo Antônio eles têm que dar conta do recado porque é uma escola particular, a direção exige, tem orientadores de disciplina que exigem, eu digo que há uma fiscalização mais severa, independente da questão salarial que, nós sabemos, é um problema.
- L.A.S.** – O senhor acha tecnicamente possível cumprir dentro do melhor padrão de qualidade o exercício do magistério em três períodos? De manhã, à tarde e à noite?
- W.S.** – Não há físico que resista e muito menos o campo emocional afetivo da pessoa. Isso é impossível.
- L.A.S.** – Quer dizer que prejudica a qualidade de ensino?
- W.S.** – Prejudica o educador, prejudica a pessoa professor, prejudica tudo aquilo que vai envolver a partir daquele momento, prejudica aquilo em que ele vai trabalhar.
- L.A.S.** – O senhor que é diretor de um educandário com quase dois mil alunos, com crianças em todas as idades, desde a idade pré-escolar até o momento em que o jovem se prepara para ingressar na Universidade, por que acha que uma grande parcela dos nossos jovens aderem aos tóxicos como meio de fuga?
- W.S.** – Eu tenho debatido isso ano passado em diversos locais, dado diversas palestras. Depende do grau, do nível de aspiração que cada um tem, depende do ambiente em que ele está. Um adolescente, um jovem, quando chega na idade da adolescência, quando começa a sentir a realidade, às vezes dura, nua e crua, falando mais dessa juventude menos

favorecida, lares desfeitos, promiscuidade, os pais não estando em casa, suando para conseguir o seu ganha pão, os pais ausentes, os filhos na rua, a não assistência, vivendo o adolescente e contatando a realidade do seu meio ambiente, vê que nem tudo é aquilo que ele sonhava ou a perspectiva que ele tinha. É evidente que um adolescente desse vai entrar muito facilmente em pane, em crise. Encontra no tóxico uma fuga ou faz do tóxico um sentido de afirmação ou fará uso do tóxico, normalmente começam por aí, como uma curiosidade ou experiência.

L.A.S. – Nós podemos dizer que estamos convivendo com uma geração de jovens inseguros, jovens que não vêem grandes horizontes e buscam por esse meio fugir da realidade?

W.S. – Eu tenho a impressão que sim, porque se nós olharmos de novo esse quadro, vamos falar agora um pouquinho em números que não são meus.

L.A.S. – É até bom repetir esse quadro.

W.S. – Nesse quadro há: famílias de até um salário mínimo: 32,5 %; de um a dois salários mínimos: 25,8 %; de dois a cinco salários mínimos: 18,4%; sem rendimentos: 12,2%. Quer dizer que uma boa parte dessa nação não tem as condições mínimas exigidas, para uma família, de viver dentro de uma segurança, dentro uma harmonia, dentro de uma estabilidade, dentro do otimismo, dentro de um clima de esperança. Então isto é um dos fatores que leva o adolescente a se questionar. Ele, sendo adolescente, começa através do estudo, através da experiência, através da vivência, a ver tanta coisa errada

dentro do mundo, tão selvagem, onde o problema do ter está acima do ser, então ele questiona. Afinal de contas, quais são as perspectivas que ele tem em termos de futuro? Então ele busca, ou na bebida, ou no tóxico uma maneira de fuga.

D.G. – E a educação sexual nas escolas, como é que o senhor vê?

W.S. – Com a mesma liberdade que se vai pegar um quadro, se pegar um bloco biológico, e entender a orelha, o olho, o coração, sobre vasos, veias e a estrutura óssea. Com a mesma liberdade que se fala da cor do cabelo, da cor dos seus olhos, com a mesma liberdade que se fala das mãos que tocam piano, com a mesma liberdade, singeleza e franqueza deve-se abordar o problema do sexo porque faz parte de uma realidade humana. O sexo integrado dentro de toda sua realidade. Nós somos pessoas sexuadas da raiz do dedão até a raiz do cabelo. Então integrar esse sexo dentro dessa pessoa, com todas as suas realidades, com todas as suas implicâncias, com toda a sua beleza. Então ver a criança com tudo isso para que ela possa assumir, aceitar, conviver, viver essa experiência de pessoa humana.

L.A.S. – Nós vivemos a Campanha da Fraternidade. A Igreja lançou 82 como o ano da educação, da fraternidade com o lema “A verdade vos libertará”. Qual é o significado dessa campanha? Deste lema? Desta campanha? O que a Igreja pretende fazer? Agora a pergunta é clara, dirigida ao sacerdote, com relação a este aspecto.

W.S. – Vamos então para o tema “Educação e Fraternidade”. Não está entendida aqui apenas a educação como instrução,

não está entendida educação como escola, está entendida educação como grande trabalho de conscientização individual, coletiva de todas as camadas, de todas as gerações, de todas as classes, de todas as hierarquias, de todos os poderes, que se conscientizem de uma vez para sempre de que não haverá justiça, não haverá equilíbrio, não haverá distribuição injusta, não haverá trabalho que chega, não haverá salário justo, não haverá bens, os mais necessários, fundamentais, moradia, direito ao trabalho, direito ao salário, direito à educação enquanto não partirmos para essa grande consciência de que nós somos todos fraternos, irmãos.

Lado B

W.S. – Para que possa acontecer um homem novo dentro daquela perspectiva que Deus sonhou, um homem novo com profundo sentido evangélico, crítico da realidade, um homem novo com uma profunda consciência social, um homem novo com um senso profundo de comunidade e de solidariedade, um homem novo comprometido com o social e com a responsabilidade, um homem aberto para o diálogo, um homem agente de transformação capaz de morrer e assumir os riscos dessas opções vivendo como irmão, filho do mesmo pai que é Deus, como irmão em relação ao universo criado, ou como aquele que possui a terra sem dilapidar, estragar, destruir. Eu acho que bem lá no fundo precisa haver uma profunda busca, novamente, de religião num mundo materialista, competitivo, possessivo,

quando o individualismo é um dos grandes momentos trágicos do nosso mundo moderno, com tantas reuniões, tantos ônus, tantas conferências internacionais e nunca se chega a resolver. Isso num mundo onde a técnica e o saber nunca foram tantos, onde os meios de comunicação estão tão pertos e ainda não se conseguiu chegar a um mundo mais fraterno, um mundo mais amigo, mais irmão, com mais justiça e com mais caridade. Significa a grande tomada de posição da Igreja esse ano como educadora, tendo o homem como centro da sua verdade, das suas preocupações, “a verdade vos libertará”, a verdade trazida por esse Cristo que viveu a história da nossa realidade, que se fez gente igual a gente, que viveu todas as nossas misérias, as nossas mazelas e pregava sempre de novo o amor como primeiro ponto fundamental para a harmonia, para o equilíbrio. A bondade daquele Deus que um dia transbordou sua generosidade e fez o mundo acontecer e colocou no centro desse mundo o homem, ser inteligente, feito livre para poder optar, escolher. Fez o homem dono, rei desse universo, onde todos podem partilhar, conviver, dialogar, usufruir e através das criaturas e da comunicação, através da solidariedade, através da amizade, através da fraternidade chegar novamente de braços dados, de mãos dadas nesse grande cântico, sinfonia inacabada que Deus um dia sonhou, podendo voltar todos juntos, mais fraternos, mais amigos, mais gente e assim, mais fraternamente vivendo a nossa realidade, podemos viver essa experiência da liberdade, da verdade que nos liberta como irmãos fraternos, filhos do mesmo pai.

L.A.S. – O senhor não acha meio difícil o exercício desse amor a que o senhor se refere entre gerações que se conflitam pelos costumes, pelos métodos vivenciais, pela maneira de ser de cada um. A juventude de hoje tem costumes que são frutos de uma verdadeira revolução na sociedade, provocada pela sociedade de consumo, provocada pelos meios de comunicação eletrônicos, principalmente a televisão. Os pais, as gerações mais antigas não chegaram a acompanhar, não tiveram tempo e nem condição técnica de acompanhar essa violenta evolução. O senhor não acha difícil a prática desse amor entre gerações que se conflitam permanentemente?

W.S. – Difícil sim, mas não impossível porque na medida em que o filho for sentindo que pai é pai, que mãe é mãe, que apesar de tudo isso sabe que são frutos não do acaso, mas são frutos agora do transbordamento de um pai e de uma mãe que se colocaram disponíveis para que isso viesse a acontecer. Se o pai e a mãe estão aí naquela fidelidade diária do sofrimento, estão ali presentes, acompanhando o conflito, o diálogo, a crítica, a contestação. Não são grandes preocupações que se deva ter, embora alguns pais que vêm conversar tantas vezes com a gente digam: “Eu estou perdendo o meu filho”. Depende de que ponto você parte. Deve ser sempre através do amor que é gerado, o filho gerado dentro desse amor e os pais dentro daquela consciência, dentro das limitações, dentro das possibilidades que têm, e estiverem ali conscientemente, teimosamente, persistentemente, adultamente acompanhando essa vida que explode numa etapa da adolescência, quando numa primeira faixa a criança

é mais fluitiva, é mais possessiva, então é mais fácil de levar, de conduzir, de influenciar, na medida em que vai crescendo, explodindo, crescendo em tamanho físico, somático e psíquico, explodindo, ousando ultrapassar a cerca, a calçada, depois atravessar a rua. Isso em todas as maneiras de ousar, experimentar por sua vez o gosto que a vida tem, o que a vida oferece, o que a vida proporciona e com as aspirações que vai engendrando ao longo desse conhecimento, desse conflito ou desse questionamento.

L.A.S. – O senhor tem no Colégio Santo Antônio uma espécie de laboratório experimental na sua frente. O senhor lida com jovens de 17, 18, 20, 22 anos e lida com crianças de 6, 7, 8 anos.

W.S. – 3, 4.

L.A.S. – 3, 4, 5 anos. O senhor tem sempre diante de si duas gerações, uma que já está amadurecida, que já está praticamente em vias de estar formada e a outra que está iniciando. Essa, a mais velha, nós todos sabemos, ela demonstra alguma rebeldia, alguma desesperança, alguma insegurança ou muita insegurança, apelando até pelos caminhos dos tóxicos, praticando a chamada liberdade sexual que cada vez mais vem se tornando coisa rotineira, apesar dos esforços da Igreja, das religiões, no sentido de que isto aí seria uma anomalia do comportamento humano. Essa gurizada que está entrando e esses meninos que estão saindo, essa pergunta que eu quero fazer, o senhor acha que vai haver uma mudança, uma transformação, uma metamorfose muito grande entre esta

geração que está entrando no Colégio hoje e aquela que está se preparando para sair?

W.S. – Eu acho que é muito perigoso fazer um prognóstico. Dentro da educação a gente deve estar sempre ali, junto com, ao lado de, perto, dentro, debruçado sobre. Crianças com 3 anos de idade dando as mãozinhas e indo para o parque, às vezes passando pelo meio das pernas de um rapaz de 1,80m que está lá de mãos dadas com a sua namoradinha, falando de problemas de petróleo, questionando problema político, fazendo pesquisa em biologia, eu acho normal esta convivência. Dentro de uma família têm-se diversas faixas de idade, deve-se ter a capacidade de filtrar, ou se debruçar dentro das diversas faixas etárias, acompanhar todo esse mundo, pois o adolescente um dia já foi criança e essa criança um dia vai chegar a ser adolescente. Deve-se desenvolver em cada pessoa aquele potencial que está colocado aí dentro de seu código genético, com todas as suas aspirações, com todos os seus anseios, tentar desdobrar todo esse potencial na sua maior plenitude possível, dentro de uma visão integrada e integral que se chama educação, parte intelectual, parte afetiva, parte emocional, parte ética, insisto muito nisso, a parte moral, a parte religiosa. Nós vamos para o absoluto, nós vamos para o absurdo, hoje nós estamos mais perto do absurdo do que do absoluto. Então isso para o educador é sempre um profundo mistério. Ele se coloca e está aí junto com, o gostoso é ver o aluno chegar a sua etapa de adolescente maduro, centrado, vendo-o empunhar o remo, arregaçando o braço e a manga, olhando para o

longo do mar, tendo noção das distâncias, das esperanças, dos objetivos para alcançar, medindo o tamanho da vaga, olhando o tamanho do vento, consultando a bússola para o porto onde quer aportar e ficar ali gostosamente na praia da despedida até a volta da praia da chegada. Quando ele voltar, andando pelos caminhos que o mundo, a vida, a vocação, o desafio, os anseios, as aspirações que ele tem, o tanto que ele acredita naquilo que ele vai ser ou vai fazer, que ele volte um dia para o mesmo barco, com as mesmas ondas, aproximando-se da mesma praia, e nós estejamos aí e possamos então sim, naquela mesma gratuidade, naquela mesma simplicidade, com aquela mesma graciosidade rever e recontar as velhas histórias, de ontem, que são as histórias da vida dele de hoje. Parece-me que estaria aí uma das grandes gratificações daquele que acredita que o homem é um potencial incrivelmente grande.

L.A.S. – Esse convívio entre crianças de faixas etárias diferentes no mesmo ambiente, quando se sabe que pelo menos numa dessas faixas existem algumas anomalias, porque eu presumo que o tóxico não seja, Deus há de permitir que não tenhamos que conviver com esse tipo de problema, não porque ele seja um hábito da juventude atual, mas porque cientificamente está comprovado que ele faz mal, que ele prejudica o desenvolvimento do jovem. Então essa convivência não lhe parece de certa forma tanto quanto arriscada?

W.S. - Nós devemos criar a criança, o ser humano não para colocar numa redoma de vidro e nem criá-lo dentro de comportamentos estanques. Ela, dentro de uma família, vive

a experiência de um pai, de uma mãe, de um pai que hoje está mais alterado, mais cansado, às vezes ela testemunha momentos de impasse, de conflito, ela tem irmãos maiores em casa que às vezes não têm a capacidade do alto dos seus 1,80 metros, de se debruçar sobre os seus brinquedos, sobre os seus anseios de criança. Então, viver essa experiência como se fosse a grande família, que pensa, que sonha, a grande família do Santo Antônio com as diversas faixas etárias. Isto é uma experiência que ele vai vivenciando aí dentro, com a sua complexidade um tanto até dramática de sinalizações, que ele vai olhando com os seus pequenos olhos, e isso tudo ajuda devagarzinho a formar sua personalidade.

L.A.S. – Talvez até sirva como meio de neutralização. O jovem tira da criança o que ela tem de bom e a criança procura tirar do jovem o que ele tem de bom, fazendo o ponto de equilíbrio. Danilo, você sabia que o Frei Wilson é de Forquilha, conterrâneo, até parente de Dom Paulo Evaristo Arns? O que eu queria saber é o seguinte: Vamos entrar um pouquinho na política nesses últimos minutinhos do programa. O senhor acredita que a sua terra lá, Distrito de Forquilha, em Criciúma, vai conseguir vencer aquele movimento para se transformar em município?

W.S. – Eu conheço aquele meu povo lá embaixo. Conheço, vivi aquela experiência toda, vou saber só amanhã, vou lá fazer um casamento.

L.A.S. – Mas o senhor não vai fazer política lá, Frei Wilson?

W.S. – Depende o que você entende por política?

D.G. – [Risadas].

L.A.S. – Política partidária acho que o senhor não vai fazer.

W.S. – Mas que vou fazer a minha política vou.

L.A.S. – O Papa deixa fazer política partidária se você quiser, Frei Wilson?

W.S. – Política partidária não. O sacerdote é um homem, pessoa humana, colocado como intermediário, ministro, servo a serviço do povo de Deus, independente da cor, tamanho, grau de ensino, de cultura e de cor partidária.

D.G. – Mas o senhor tem direitos políticos?

W.S. – Tenho, sou cidadão vacinado com carteira e até com título de eleitor.

D.G. – Como é que o senhor vê o puxão de orelha que o Papa deu nos jesuítas?

W.S. – Pois é, ele é pai, para essas coisas ele pode fazer, como qualquer pai quando percebe que os filhos não estão andando direito, estão avançando demais. Pede calma, com a experiência milenar que a Igreja tem de pedir que se recolham um pouco mais para dentro da sua verdade, diagnostiquem mais, analisem mais profundamente, façam a sua radiografia e repensem e revejam suas posições. Isso significa ser adulto.

L.A.S. – O senhor acredita no êxito do movimento lá desenvolvido em Forquilha? Vai ocorrer um plebiscito agora né, Danilo?

D.G. – É, agora em abril.

W.S. – Estou vendendo o peixe como recebi. Eu soube que o prefeito está deslocando, já deslocou uma série de pessoas, não sei a que título, que há bem pouco tempo é morador de Forquilha. Ele está tentando, fazer até esse tipo de coisa para que não aconteça a emancipação.

D.G. – O Colégio tem intenção de instalar um túnel subterrâneo, ligando o educandário ao outro lado da rua onde será construído um ginásio de esportes. Como é que está processo de construção?

W.S. – Pela minha vontade deveria estar pronto no dia 1º de março. O Falquetti, engenheiro da Prefeitura, que esteve no Colégio, nos prometeu isto em público. Ele realmente está se empenhando, o projeto já está praticamente pronto e agora nós temos que saber quanto que vai custar isso para saber se nós temos dinheiro para executar. Além disso, estamos planejando fazer, vamos chamar isso modestamente de área coberta, que poderá com o tempo, na medida do dinheiro, que os pais, a comunidade e nós tivermos, nós vamos fazer daquela área um ginásio coberto, que é um sonho que um colégio com 2000 alunos e 106 anos de idade merece ter.

L.A.S. – O senhor andou mandando cortar as árvores do colégio nessa fase da ecologia, preservação ecológica, preservação

da natureza. Vocês pregam isso em sala de aula e de repente o colégio mandou derrubar um monte de árvores?

W.S. – Essa pergunta me fizeram no primeiro dia em que estive numa sala de aula e eu adorei este tipo de questionamento. Significa que é um grupo de alunos já conscientizado de um problema deste. A explicação que eu dei foi uma explicação muito válida e todo mundo aceitou, ninguém rebateu, ninguém fez cara feia. Estavam assim com os olhos muito arregalados, ouvindo aquilo que a gente propôs. Não cortei todas as árvores, cortamos aquelas árvores que estavam ali em baixo naquela pequena área estrangulada que servia para a parte de esporte. Se nós cortamos 70, nós já tínhamos plantado mais de duzentas, e, além de termos plantado mais de 200, nós já entregamos por esse Brasil a fora, graciosamente, gratuitamente, sem fazer propaganda nenhuma, nem pondo a boca no trombone, mais de 11.000 mudas de palmeira real.

D.G. – Você sabe que o IBDF autoriza isso aí, para cada árvore que você corta, você plantando mais 10, você está [INTERROMPIDO]...

L.A.S. – O meu objetivo é esclarecer, que o Colégio Santo Antônio mantém uma reserva ecológica na frente do Colégio, quer dizer, entre o Antigo Banco Nacional do Comércio e o prédio do Colégio. Existe aí um parque conservando árvores. Devem ser centenárias algumas né, Frei Wilson?

W.S. – É, bem antigas. Além disso, eu quero só acrescentar que naquela área estão plantados pinus. Nós, através desse

trabalho de ecologia, de movimentação através de nossos congressos científicos, através da nossa semana de cultura, já começamos o reflorestamento da vegetação nativa naquela parte dos pinus. Então esse é um trabalho programado que os próprios alunos, com orientação do professor, estão fazendo para transformar toda aquela área num jardim botânico.

L.A.S. – Quem diz que aqueles pinheiros provocam o desequilíbrio ecológico são os próprios alunos do Colégio, através dos tribunais ecológicos que a gente tem assistido.

W.S. – Sim.

L.A.S. – Quer dizer que nós vamos fazer uma substituição gradativa daqueles [INTERROMPIDO]...

W.S. – Nós recebemos no ano passado, de bolsas estaduais 1.814.411 Cruzeiros. Para este ano os que tinham bolsa continuam recebendo essa bolsa. Temos então, já que é o ano das eleições, as bolsas parlamentares e mais aquelas criadas pelo órgão regional do governo.

L.A.S. – Um momentinho. Porque o senhor colocou essa observação “já que é o ano das eleições”?

W.S. – Eu quero dizer que, neste ano, a bolsa móvel que vai aparecer aí. Já recebemos algumas. Muitas pessoas vão lá, conversam com o seu deputado ou com alguém do órgão regional do governo que, aliás, tem atendido diversos casos. Eu gostaria que todo aquele que tivesse gosto de estudar no Santo Antônio tivesse oportunidade.

D.G. – Ninguém fica sem estudar lá?

W.S. – Saiu na televisão esses dias atrás que o Santo Antônio oferecia bolsa. Então despencou o Morro da Banana todo para o Santo Antônio. Fiquei triste porque não pude atender aquele povo todo. Só para o seu governo, no ano passado, o Colégio deu com gratuidade total ou com descontos parciais a quantia de 29.592.704,25 cruzeiros. Isso também não se vai publicar no jornal. e fica publicando na Igreja. O Colégio Santo Antônio continua mantendo a tradição de ser uma entidade beneficente que gostaria de poder atender a todos aqueles que buscam o Santo Antônio como família, local de sua esperança.

L.A.S. – Dizem que lá só estuda rico. Vocês sabem que dizem isso. Escola Barão do Rio Branco, também escola de rico.

W.S. – Vão lá perguntar para Dona Ilse com quantas penas nós conseguimos manter isso e o que está dito aqui em termo de números. Essa criança de morro, crianças desnutridas que vêm lá pedir para a gente. A quantas delas a gente vai dar gratuidade, e além de gratuidade, estamos dando os livros, além de dar os livros estamos dando o passe de ônibus e o lanche. Isso são dezenas.

L.A.S. – Bem que essas empresas de ônibus, poderiam dar esses passes.

D.G. – Falando em passe de ônibus, deixa-me fazer apenas um registro sobre o problema dos passes de ônibus que a Rodovel levou para o final da Velha. O Altair Pimpão

resolveu o problema instalando um posto de distribuição e de venda de passe aqui na Habitasul. Acho que foi um bom gesto.

L.A.S. – Foi uma boa. Eu entendi que todo ano deveria ser ano eleitoral para ajudar essa criançada pobre aí dos bairros, das periferias poderem estudar nos Colégios particulares com bolsa.

W.S. – Eu gostaria. Já foi feito tantas vezes o levantamento da capacidade ociosa dos colégios particulares. Na parte da tarde nós já temos pré, jardim, já temos até o terceiro ano primário. Temos uma capacidade ociosa que poderíamos colocar à disposição para quem quisesse dela fazer uso. Talvez para o governo, através de convênio, colocar o Colégio Santo Antônio à disposição para favorecer esse pessoal desde que nos pagassem, como qualquer outro, aquilo que nós necessitássemos para poder manter o nosso esquema.

L.A.S. – Frei Wilson, a gente gosta muito do senhor, mas nós inclusive já adentramos, digamos assim, no horário do programa Valmira Cimas. Na segunda-feira nós vamos entrevistar aqui o Engenheiro Paulo Beyer, Presidente do Diretório do PMDB. Ele volta ao programa como voltarão ao programa a partir de agora várias das nossas autoridades locais já entrevistadas em função das alterações que ocorreram, especialmente os entrevistados da área política. É claro que traremos daqui a pouco a presença do senador Jaison Barreto, do deputado Esperidião Amim, do prefeito Renato Vianna. Aliás, o prefeito Renato Vianna abriu esta série de entrevistas do

Programa Censura Livre no ano passado, e como era uma abertura, nós não tivemos assim uma grande oportunidade para podermos dissecar os problemas comunitários. Pretendemos fazer isso daqui alguns dias, naturalmente se o prefeito aceitar. Gostaríamos de trazer aqui também, para falar de educação, o padre Virtulino Silveira, mas infelizmente ele se nega a comparecer ao nosso programa, a não ser que quebrems uma praxe, uma tradição do nosso programa. O programa é ao vivo, nós nos submetemos a esse sacrifício matinal e diário, mas muito agradável de conversar com os nossos entrevistados, mas as perguntas são feitas aqui e não antecipadamente como queria o nosso querido diretor da 4ª UCRE. Aliás, por falar em 4ª UCRE, na segunda-feira haverá uma reunião que está dando o que falar, Danilo. Estão cobrando 600 mil Cruzeiros de cada professor convocado para participar, em expediente integral na segunda-feira, de uma reunião que tem a característica de se destinar a humanização do ensino. Humanização que gera episódios como ontem nos foi trazido, em termos até de denúncia, de uma professora que procurou a direção da sua escola dizendo que iria à reunião, participaria da reunião o dia todo, mas que não pretendia almoçar. Disseram a ela que ela não poderia ser dispensada do pagamento da taxa que para alguns é de 600 Cruzeiros e para outros 550. Então ela disse que pagaria a taxa, mas que não iria almoçar, e disseram: – A senhora vai ter que participar. Se a senhora se afastar no horário do almoço, a senhora perde o seu dia de expediente. Um bom dia a todos!

Crispim Mira

e o Artigo da Morte



O “caso”

ERNESTO CANOZZI

O “CASO” ERNESTO CANOZZI

Enéas Athanázio¹

Recebi a visita de Clésio Fermiano Júnior e Liliane Ribeiro e Ribeiro, formandos em jornalismo pela Faculdade Estácio de Sá, de Florianópolis. A dupla realizou um vídeo, como trabalho de conclusão de curso, denominado “Crispim Mira e o Artigo da Morte”, em que pesquisou a fundo os antecedentes e as circunstâncias do assassinato daquele jornalista, em 1927, em consequência de ferimento na boca, provocado por um tiro. Vinha o jornalista denunciando irregularidades que aconteciam na Comissão de Melhoramentos do Porto, na capital do Estado, quando a redação de seu jornal – a “Folha Nova” – foi invadida por cinco homens, a mando de Tito Corrêa Lopes, para “darem uma lição no jornalista.” A agressão foi muito violenta e o jornalista, ferido, foi recolhido ao Hospital de Caridade, onde sucumbiu no dia 4 de março. O atentado teve enorme repercussão em todo o Estado. Submetidos a julgamento, os acusados foram absolvidos e o processo criminal instaurado desapareceu dos arquivos, embora exista o acórdão nele proferido. Os formandos, autores do vídeo, revelaram-se pesquisadores sérios e diligentes, rebuscando todas as fontes possíveis para bem esclarecer o assunto e estavam informados de inúmeros detalhes. Desejavam um depoimento meu a respeito de alguns aspectos e que foi gravado naquela ocasião.

O fato me trouxe à memória o chamado “caso” Ernesto Canozzi, de que Crispim Mira foi o grande repórter e sobre o qual escreveu uma interessante narrativa. Foi um acontecimento de intensa

¹ Escritor e Advogado.

repercussão em Lages e na região, embora seja lembrado apenas por pessoas mais antigas e seja em geral desconhecido.

Mira fez essa narrativa verídica, com acentuado sabor jornalístico, no livro denominado "Crimes e Aventuras dos Irmãos Brocato", publicada em primeira edição em 1917, depois de ter aparecido como folhetim no jornal "Folha do Commercio", de Florianópolis, do qual o autor foi fundador e redator. Em 1978 a Associação Catarinense de Medicina publicou nova edição, com desenho de capa de autoria do pintor Ado Beck, retratando Lages no início do século passado e precedida de longa introdução de Carlos Gomes de Oliveira. A introdução reconstitui a época em que Mira viveu, contém interessantes elementos biográficos, aborda as posições por ele assumidas em questões de destaque e enfrenta os problemas criminológicos que os fatos barrados sugerem. Trata-se, sem dúvida, de ensaio importante sobre o autor e a obra, embora seja muito lacônico no relato de seu assassinato, silenciando sobre nomes e fatos que hoje pertencem à História e que ao pesquisador não é lícito esconder. As informações do ensaísta, com certeza conhecedor dos fatos em minúcias, seriam fundamentais para o perfeito conhecimento dos fatos como deveras aconteceram. Mas ele preferiu silenciar e as informações omitidas são peças que faltam no quadro de extrema violência em que perdeu a vida o bravo jornalista catarinense.

"Crimes e Aventuras dos Irmãos Brocato" relata com detalhes a trajetória dos sicilianos Thomaz e Domingos Brocato, pontilhada mais de crimes que de aventuras, desde a terra de origem, registrando seus passos em Buenos Aires, no Rio de Janeiro, em Porto Alegre e Caxias do Sul, até o trágico desfecho na cidade de Lages. A narrativa, na verdade longa reportagem, revela extensa pesquisa, valendo-se o autor dos depoimentos de pessoas conhecedoras do assunto, do exame de

processos judiciais, das páginas de um inacreditável diário mantido por Domingos e de outras fontes. Ao longo dessas páginas vai transmitindo as suas convicções na existência do criminoso nato, acatando assim os postulados da Escola Positiva, ainda muito prestigiada na época em que escreveu.

A narrativa busca reconstituir o homicídio de que foi vítima Ernesto Canozzi, caixeiro-viajante gaúcho, pessoa muito relacionada e estimada na região serrana, provocando grande revolta de quantos o conheciam. Apesar da ostensiva posição de Mira contra os irmãos italianos, apontando-os como os autores do crime, não posso esconder a dúvida que me assaltou durante a leitura do livro, com relação à autoria do delito, tão frágeis e inconsistentes me pareceram os indícios com base nos quais foram acusados. Nem a prolongada sentença de pronúncia logrou afastar as incertezas, o que só veio a ocorrer no final do livro, - como o autor habilmente desejava, - ante a cabal confissão judicial de Domingos. É verdade que a população jamais alimentou dúvida sobre a autoria do crime, atribuída sem vacilações aos irmãos italianos, mas o clamor popular e a *vox populi* nunca foram elementos seguros de certeza, como registra com freqüência a crônica judiciária. Por outro lado, os motivos que levaram ao crime parece que não ficaram bem claros.

É um livro interessante, embora escrito sem a preocupação de fazer literatura, e que desvenda aspectos curiosos de nossa maneira de ser, a boa-fé e a hospitalidade de nossa gente serrana, sempre pronta a acolher os que buscam aquelas paragens para viver. É inacreditável a audácia com que os dois charlatões lá se instalaram com a intenção de enriquecer a qualquer custo. Thomaz se dizia médico, clinicando com liberdade, chegando mesmo a realizar cirurgias e a participar de reuniões e debates com os “colegas”, enquanto Domingos fazia crer que era

agrônomo, e assim viveram por muito tempo. Thomaz chegou mesmo a grangear renome profissional na região. É interessante observar que em outras cidades serranas alguns italianos exerciam a medicina sem habilitação, alegando que haviam se formado na Itália.

Escrito às pressas, para ser publicado em folhetim, como vem acentuado na primeira edição, e por um jornalista assoberbado pela lida profissional, “Crimes e Aventuras dos Irmãos Brocato” não mereceu o tratamento adequado que o caso relatado mereceria. Embora tenha despertado interesse e permanença como uma história curiosa, a obra ficou assim como novela policial desperdiçada – o continente não correspondeu ao conteúdo. Mas vale como retrato de um fato que chocou a região, mostrando a incrível coragem desses irmãos que buscavam o sucesso financeiro, ainda que arrombando portas e não recuando nem mesmo diante do homicídio. A população, indignada, chorou a perda da infeliz vítima.

Crispim Mira, segundo a bibliografia que consegui levantar, produziu 18 obras, publicadas em volumes, sendo 14 sobre temas variados e 4 ensaios jurídicos, uma vez que também foi advogado provisionado. Avulta dentre elas o livro “Terra Catharinense”, publicado em 1920, verdadeiro compêndio sobre nosso Estado e que acaba de ser publicado em nova edição. Esse livro mereceu dois comentários de Monteiro Lobato, o mais acatado crítico na época de seu aparecimento. Recheados de elogios: “Os Tangarás” e “Dramas da Crueldade”, hoje estão reunidos no volume “A Onda Verde” de suas Obras Completas.

Homem culto e ligado às coisas de seu tempo, o jornalista abordou em livros assuntos muito diversos, a exemplo de “O Município de Joinville – Notas Ligeiras”, “O Perigo Alemão”, “Santa Catarina-Paraná – Impostos Interestaduais”, “A Mediação do Presidente da República”, “Os Alemães no Brasil”, “O Soldado Brasileiro e a Honra das Nações”

e “Acorda Brasil”, entre outros. Neste último, em exclamação enfática, escreveu: “Se não soubermos nos fazer uma nação forte, pelo caráter, pelo trabalho e pela justiça, pouco teremos que esperar do futuro.” Era um apelo em favor do trabalho, da produção e do aperfeiçoamento.

Segundo depoimentos, Mira falava bem e foi um palestrante de mérito. Como era praxe na época, publicou em opúsculos pelo menos quatro trabalhos jurídicos: “Ação de Manutenção”, “Ação de Indenização”, “Habeas-corpus” e “Suspeição.” Em todos eles os textos revelam o advogado hábil e preparado, senhor do assunto abordado e com grande capacidade de argumentação.

Muito ainda existe a ser pesquisado e talvez descoberto sobre Crispim Mira, sua vida e sua obra. Foi um jornalista inovador e corajoso, acima de tudo independente, muito diferente dos que exerciam naqueles tempos um jornalismo cinzento, quase sempre em benefício dos partidos que mantinham ou dominavam os periódicos. É um nome que merece ser lembrado e espero que o vídeo dos jovens jornalistas contribua para isso.

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação R\$ 50,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo). De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 140,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2008 (Tomo 49).

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 - Fax (47) 3326-6874

Blumenau (SC) - E-mail: arquivohistorico@fcbu.com.br



Arquivo Histórico
José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial
museudafamiliacolonial@fcblu.com.br

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Escola Nº 1

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte
de Blumenau
mab@fcblu.com.br

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação
Documentação e
Referência em Leitura
editora@fcblu.com.br

www.fcblu.com.br

(...) Os guerreiros foram para as roças, bradando agressivamente e com grande balbúrdia, quebraram os pés de milho e ameaçaram matar todos os funcionários. Aterrorizaram-nos com gritos intermináveis até o cair da noite, quando Hoerhann buscou saber a causa daquela brusca mudança comportamental. Sem sequer ser atendido, foi obrigado a entregar aos indígenas duas reses, e alguns sacos de farinha. Hoerhann sem saber o motivo desta revolta, destacou: (...)

(...) Em julho, ainda em 1919, está presente no relatório, um acontecimento que pode ter desencadeado a demarcação das terras indígenas acontecida somente depois de sete anos: ocorreu na povoação de Hamônia uma exposição agrícola, na qual estava prevista a visita do governador do Estado Hercílio Pedro da Luz e seu alto escalão de funcionários. (...)

(...) Através da leitura dos relatórios, acerca dos primeiros cinco anos da experiência de pacificação, é possível perceber a instabilidade comportamental dos indígenas. De acordo com o SPI, ainda era muito cedo para notar avanços de "civilidade." Isso era uma tarefa, cujos resultados só seriam alcançados a longo prazo. A permanência dos indígenas no Posto oscilava

